

A História de Bom Jardim a Ivoti

Um registro histórico e cultural

Referência: KREUTZ, Roque Amadeu (organizador). Bom Jardim-Ivoti no palco da história. Novo Hamburgo, Feevale, 2013.



Registros históricos da comunidade de Bom Jardim

A história de Bom Jardim a Ivoti

Antes de tudo, é preciso lembrar que existe uma exaustiva pesquisa sobre a história de Ivoti, que abrange fatos ocorridos desde o seu início (1826) até a sua emancipação política (1964). Trata-se de uma obra de nível acadêmico que teve a participação de 32 autores/coautores, além de diversos colaboradores. Sua referência bibliográfica é “KREUTZ, Roque Amadeu (organizador). Bom Jardim-Ivoti no palco da história. Novo Hamburgo, Feevale, 2013.” Essa publicação está estruturada em 07 partes, cada qual com diversos capítulos, nos quais estão identificados os respectivos autores/coautores e as fontes de cada pesquisa (bibliografia, depoimentos, etc.). Portanto, para um conhecimento mais profundo e detalhado da história de Ivoti, os interessados deverão ler ou consultar o livro acima referido.

Já o presente texto tem o objetivo de resumir e facilitar a leitura de vários fatos históricos de Ivoti, sempre se baseando nas pesquisas originais e, por vezes, em informações complementares. Portanto, este resumo, com uma nova redação, não é exclusiva de Roque Amadeu Kreutz, pois nele se encontram trechos que reproduzem partes (às vezes extensas) dos textos originais. Embora não estejam indicadas as fontes usadas pelos autores/autoras que fundamentaram seus textos, na abordagem de cada tópico estão mencionados os nomes dos autores ou as autoras das pesquisas equivalentes publicadas no livro “Bom Jardim/Ivoti no palco da história”

Roque Amadeu Kreutz

1. Ivoti antes da chegada dos imigrantes alemães

(Pesquisa original: Gabriela Dilly e Ana Paula Kondörfer)

Vestígios arqueológicos indicam que esta região já era habitada por nativos da Tradição Umbu há dez mil anos. Escavações do Instituto Anchieta de Pesquisas, sob a coordenação de Padre Inácio Schmitz, feitas num abrigo “sob-rocha” situado em Lindolfo Collor, comprovam esse fato. Outra informação importante é que, antes da chegada dos imigrantes germânicos, indígenas caingangues ocupavam esta região, considerando-a seu território de coleta, caça e pesca. Embora a sede principal ficasse no Campo dos Bugres, atual Caxias do Sul, grupos de caingangues acampavam periodicamente nesta região, deixando vestígios de sua cultura. Alguns objetos de sua fabricação, tais como fragmentos de cerâmica, pontas de flecha, foram encontrados por Herta Patro e outras pessoas no território da atual cidade de Ivoti e arredores.

2. A convivência dos indígenas com os primeiros imigrantes germânicos

(Pesquisa feita especialmente para o presente resumo, por Roque Amadeu Kreutz)

Parece não haver registros históricos nem relatos transmitidos oralmente que descrevem uma convivência harmoniosa entre indígenas locais e os imigrantes alemães de Bom Jardim e arredores. Pelo contrário, há fatos transmitidos por tradição que lembram uma convivência conflituosa entre essas etnias. Herta Sporket Patro, em seu livro “Ivoti um pontinho no mapa” (publicação da própria autora lançada em 17/12/1997, pp. 7-8) registrou alguns depoimentos orais:

Os imigrantes, cada um no seu lote de terra, derrubaram a mata, construíram suas choupanas e finalmente plantaram suas roças. Mas aí vieram além dos animais selvagens também os índios para colher o que não plantaram, incendiar e matar. O senhor Gälzer entrou no mato a procura de seu cavalo e nunca mais voltou. Três anos mais tarde também sua mulher foi morta na roça. Na vizinhança, no Rosenthal, os selvagens assaltaram cinco casas, roubaram, incendiaram e mataram todos, menos uma menina, que tirou o nenê do berço e se escondeu no mato. Por estes motivos os colonos resolveram residir juntos no passe (passagem de carroça) do rio Feitoria.

A citação acima é literal. Mesmo sem revisão gramatical, é um registro que merece reflexão e elogio. No entanto, se representasse a versão dos indígenas, certamente destacaria que sua área tinha sido invadida por estrangeiros e que, por isso, teria que ser defendida pelos nativos.

3. Da Germânia a Bom Jardim (quem eram os imigrantes, de onde vieram e o trajeto das famílias)

(Pesquisa original: Roque Amadeu Kreutz)

Desde 1824, é comum denominar grande parte dos moradores desta região de imigrantes alemães, qualificativo que, ainda hoje, é atribuído a seus descendentes. Essa denominação fundamenta-se no fato de que muitos pioneiros eram falantes de dialetos alemães. No entanto, originariamente eles pertenciam a nações diferentes, já que a Alemanha (unificada) somente começou a existir em 1871. Até essa data, a Germânia era formada por mais de trinta Estados independentes, cada um com o seu próprio governo. Apesar dessa independência, os Estados Germânicos se uniam nas guerras para combater inimigos comuns, isso porque todos se consideravam germânicos.

Portanto, antes de 1871, os imigrantes germânicos eram oriundos de vários Estados autônomos. Informação sobre a origem dos imigrantes pioneiros da Freguesia de Bom Jardim é a seguinte:

Os povoadores da região provinham de vários Estados da Confederação Alemã. O levantamento feito em duas relações de antigos imigrantes, uma apresentada por Petry e outra por Schlisz (sic) permitiu apurar que, das pessoas ali inscritas, 35 eram naturais da Renânia, 28 da Baviera, 20 da Prússia, 9 do Holstein, 6 de Württemberg, 4 de Hesse-Darmstadt e uma de Hanover. (COPSTEIN, Raphael; COPSTEIN, Gisela. 1967. Separata da Revista Organon, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, n.12, p. 41-64.)

Dessa citação se pode concluir que a maior parte dos imigrantes de Ivoti e arredores provinham do sul e sudoeste da Alemanha (Renânia, Baviera, Prússia ocidental). Grande parte dessa região era (e ainda é) conhecida como Hunsrück. Seu dialeto alemão, igualmente denominado Hunsrück, tinha apenas pequenas variações. Esse idioma se tornou predominante na região dos imigrantes germânicos pioneiros.

No período das emigrações, as condições de vida dos colonos, em suas pátrias de origem, eram extremamente difíceis. Para sobreviverem, enfrentavam muitas dificuldades. Suas propriedades rurais eram constantemente devastadas por guerras.

Além disso, tornavam-se cada vez menores em decorrência de heranças. Por isso, os colonos e suas famílias se viam forçados a fazer serviços artesanais (terceirizados) para as indústrias emergentes, e isso por um preço vil. Por outro lado, o regime de servidão existente nas grandes propriedades tinha sido abolido, atingindo agricultores de várias regiões da atual Alemanha. Os ocupantes dessas terras eram despejados de suas moradias, sem saberem como sobreviver e para onde ir. Sem eira nem beira, muitos deles, sob a acusação de pequenos furtos e de serem “vadios”, foram encarcerados. Essa precária situação também se tornara um problema para os próprios governantes, já que não encontravam soluções razoáveis para muitos casos.

Foi durante essa crise humanitária nos Estados Germânicos que o Major Schäffer foi designado por Dom Pedro I, logo depois da independência do Brasil, para alistar interessados em emigrar. O governo imperial brasileiro queria ocupar as terras devolutas do sul e defender suas fronteiras. Apesar das dificuldades enfrentadas e das acusações que sofreu, Schäffer cumpriu sua missão: conseguiu, além de colonos empobrecidos, presidiários, soldados para reforçar as Forças Armadas do Brasil, sobretudo para combaterem na Guerra Cisplatina. Muitos desses soldados tiveram que emigrar disfarçados de colonos, pois os governos de suas nações de origem apenas permitiam a emigração de agricultores e suas famílias.

Um grande problema dos emigrantes era enfrentar sua mudança: deixar a terra natal para sempre; despedir-se dos familiares e amigos; levar suas tralhas, primeiro de carroça até um porto fluvial e, depois, para um porto marítimo no norte da Europa. Lá tinham que aguardar por semanas até a saída do navio. Ao embarcarem; eram obrigados a se instalar mal em dependências rudimentares de veleiros (muitas vezes em porões poluídos), para então enfrentarem uma viagem marítima cheia de tempestades, ou de longas calmarias. Era uma trajetória miserável que durava meses, geralmente com falta de comida e água. Muitos emigrantes ficavam doentes, morriam no navio e eram sepultados no mar. Houve também pessoas que entravam em depressão e se suicidavam. E, nessas condições, também aconteciam abortos espontâneos, além de nascimentos naturais com pouca ou nenhuma assistência.

Quando os imigrantes finalmente chegavam ao Brasil, eram alojados em construções improvisadas na “Armação” (atual Niterói). Novamente, tinham que aguardar intermináveis dias ou semanas para serem transportados, em navios menores, até o sul, desembarcando na cidade de Rio Grande. De lá, a viagem prosseguia pela Lagoa dos Patos até Porto Alegre e, finalmente, pelo Rio dos Sinos, até a Feitoria (Velha), no atual território de São Leopoldo. Eram, então, alojados em barracos de escravos ali existentes desde o fechamento da Feitoria de Linho e Cânhamo. Ali, novamente, enfrentavam uma longa espera até que lhes eram destinadas terras. Finalmente, recebiam ferramentas e alguns animais domésticos para se mudarem para as suas

propriedades, inicialmente nos arredores do então povoado de São Leopoldo e, depois, em Dois Irmãos, Bom Jardim, Quarenta e Oito Colônias, Linha Café, São José do Hortêncio.

Para as famílias destinadas às incultas terras de Bom Jardim, foi erguido um acampamento temporário na “Entrada”, onde hoje se situa o Bairro das Rosas (Rosental) de Estância Velha. Era lá que começava a numeração das colônias de Bom Jardim, formada por 54 lotes. Havia uma trilha precária pelo travessão central aberto pelos agrimensores, com marcos nas cabeceiras dos lotes rurais das alas leste e oeste, ou seja, à direita e à esquerda para quem saísse do acampamento.

Situação semelhante acontecia nas demais picadas que, futuramente, iriam formar o distrito de Bom Jardim. Também é importante registrar que, depois da Guerra Cisplatina, vários ex-soldados germânicos se tornaram agricultores em diversos lugares, inclusive na Picada Quarenta e Oito.

4. Como se deu a ocupação das terras e seu desenvolvimento inicial

(Fragmentos das pesquisas originais de Ademir Rost, Roque Amadeu Kreutz, Herbert Fritsch, Pronila Krug e outros)

Aos poucos, os imigrantes alemães foram ocupando suas terras. Enquanto as mulheres e crianças permaneciam no acampamento do Rosental, os homens e os rapazes procuravam localizar o lote destinado à respectiva família. Penetrando na mata, abriam uma clareira em sua propriedade e construíam moradia e instalações provisórias. As paredes eram feitas de madeira roliça ou lascada, e a cobertura, de folhas de palmeira ou material semelhante. A fixação dos esteios, caibros, escoras e demais materiais era feita com amarras de cipó. As paredes externas eram preenchidas com folhas retiradas da mata, ou com barro. O piso era de chão batido. Somente mais tarde as construções seriam feitas de madeira lascada e falquejada (madeira quadrada, tábuas e tabuinhas para a cobertura). E, com o tempo, as casas passariam a ser construídas no estilo enxaimel, embora suas vigas, esteios, barrotes, caibros, escoras, postes, tabuinhas de cobertura continuassem a ser lascados e falquejados. O preenchimento das paredes passou então a ser de pedras grés, fixadas com barro, não raro misturado com estrume.

O início do povoamento de Bom Jardim aconteceu, provavelmente, dois anos depois da chegada dos imigrantes alemães a São Leopoldo. Há registros religiosos de que, em 1826, já havia alguns moradores aqui. Embora recebessem uma minguada assistência do governo, as principais necessidades dos novos proprietários e seus familiares dependiam do próprio trabalho. As roupas do dia a dia eram fabricadas em casa, com fios de algodão e linho-cânhamo. Produtos artesanais e produtos agrícolas excedentes da produção familiar eram negociados em pequenas “vendas de troca-troca” que iam surgindo na colônia. E, nas proximidades desses estabelecimentos, iam surgindo pequenas comunidades religiosas e escolares, tudo por iniciativa da população.

Assim sendo, no contexto dos primórdios de Bom Jardim/Ivoti, as lideranças locais eram predominantemente colonos, professores, padres católicos visitantes e pastores protestantes itinerantes. Com a criação das comunidades religiosas e educacionais, eram eleitas diretorias, que, juntamente com professores, tinham voz ativa na solução

de problemas locais. Além disso, destacava-se a liderança dos donos das vendas (comerciantes), graças às notícias e outras informações que traziam de centros maiores e as partilhavam com seus clientes.

5. As guerras e seus reflexos locais

5.1 Revolução farroupilha ou guerra dos farrapos

(Pesquisa original: Roque Amadeu Kreutz)

Visão panorâmica do conflito

Entre 20.09.1835 e 01.03.1845, período da revolução farroupilha, o Brasil era um Império recém-criado (07/09/1822), e o Rio Grande do Sul, uma de suas províncias. Em 25 de julho de 1824, quando desembarcaram os primeiros imigrantes alemães à margem do Rio dos Sinos, o Imperador do Brasil D. Pedro I era casado com Dona Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, portanto, da nobreza “alemã”. Assim, durante o reinado desse monarca, os imigrantes alemães se sentiam protegidos pelo Casal Imperial. Todavia, essa situação mudou a partir de 07/04/1831, quando Dom Pedro I abdicou a favor de seu filho Dom Pedro II, que então tinha apenas cinco anos. Por isso, entre 18/06/1831 e 23/07/1840, a administração do Império ficou a cargo de Regentes, sob cujo governo estourou a Revolução Farroupilha. O período regencial terminou quando Dom Pedro II foi declarado maior (com 15 anos). Entretanto, depois que D. Pedro II assumiu o comando do Império, a Revolução Farroupilha ainda continuou por mais de quatro anos.

Aqui, na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, durante a década de 1830, acirrou-se a oposição política liderada pelos liberais. Além de serem contra a política centralizadora e unitária do Regente Imperial, estavam insatisfeitos com o constante recrutamento de riograndenses para o exército, cujo objetivo era garantir a defesa das fronteiras do Brasil, na divisa com os países da bacia do rio da Prata. A esses e outros fatores de revolta política, somavam-se fatores econômicos, entre os quais problemas de manutenção das charqueadas sul-riograndenses. Então, sob a liderança de Bento Gonçalves, os liberais organizaram suas forças militares e, em 20 de setembro de 1835, tomaram Porto Alegre, colocando em fuga o Presidente Fernandes Braga. De imediato, empossaram o vice-presidente Marciano Ribeiro e designaram o Cel. Bento Gonçalves da Silva para Comandante de Armas.

Entretanto, poucos meses depois, isto é, em 15 de junho de 1836, as forças imperiais, sob o comando de Marques de Souza, reconquistaram a capital. Não conformados com essa perda, os farroupilhas cercaram Porto Alegre durante meses, ao mesmo

tempo em que enfrentavam duras batalhas no interior. Uma delas aconteceu nos campos do Seival, onde obtiveram significativa vitória. Foi lá que, no dia 11 de setembro de 1836, o General Antônio de Souza Neto, proclamou a República Riograndense, declarando-a separada do Império Brasileiro.

Sob a presidência de Bento Gonçalves e vice-presidência de Gomes Jardim, a República Riograndense teve várias sedes, a partir das quais combatia os imperiais para consolidar a sua independência. No entanto, em dezembro de 1842, Luís Alves de Lima e Silva, Barão de Caxias (futuro Duque), foi nomeado Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Sob o seu governo, as lutas foram diminuindo, passando a haver conversações de paz. Esta aconteceu no dia 1º de março de 1845, em Poncho Verde.

A Revolução Farroupilha durou nove anos e meio (20.09.1835 - 01.03.1845), mas a República Riograndense durou apenas oito anos e meio (11.09.1836 – 01.03.1845). É importante ressaltar que, ao lado do governo da república independente dos farroupilhas, continuava existindo o governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, vinculada ao Império Brasileiro.

Reflexos locais da revolução

Em seu início, a Revolução Farroupilha tinha pouco apoio nas áreas ocupadas pelos imigrantes alemães que, apenas há onze anos, tinham se fixado no Vale do Rio dos Sinos. Quando imigraram, tinham vivido em estados germânicos monárquicos. Além disso, se achavam repletos de gratidão para com o governo imperial, que lhes havia dado uma nova pátria. Em 1835, quando começou a revolução farroupilha ou Guerra dos Farrapos, a maioria já possuía uma propriedade. Os imigrantes germânicos eram, portanto, mais favoráveis ao Governo Imperial do que aos revolucionários.



Inauguração da torre da igreja

Uma das atuações significativas dos imigrantes alemães foi sua participação em lutas contra os farroupilhas nos arredores do Porto Alegre. A Companhia Alemã, da qual faziam parte pelo menos oito bom-jardinenses (ivotienses), integrou uma divisão do exército imperial que atacou contingentes farroupilhas em Gravataí e Viamão. Nessa divisão, encontrava-se o major germânico Ferdinand Kersting.

Situação curiosa, no decorrer da guerra, foi a oscilação política dos colonos alemães: Quando os farroupilhas conseguiam a supremacia, todos tinham que se declarar republicanos. Assim, dependendo da força dominante, os jovens imigrantes eram obrigados a se juntar a qualquer uma das tropas. Muitas vezes, um dos irmãos estava do lado dos imperiais, e outro, dos revolucionários. Assim, houve significativas discórdias nas Picadas e no seio das famílias.

No clima da guerra, tanto farrapos como imperiais supriam as necessidades de suas tropas pelo confisco de gêneros alimentícios, cavalos, gado, porcos, aves dos colonos e, não raro, extorquiam-lhes dinheiro e outros bens móveis. Tudo isso contribuía para que o bom relacionamento fosse, aos poucos, se deteriorando. Ódio, discórdia, inveja e maledicência faziam com que uns traíssem os outros, delatando ao inimigo onde os desafetos haviam escondido seus animais e outros bens.

As Picadas que, por algum período da história, faziam parte do atual município de Ivoti não foram campos de batalha entre farrapos e caramurus. Todavia, foram locais de escaramuças e saques, tanto que suas ocorrências aterrorizavam a população durante o conflito. Além das extorsões feitas aos imigrantes locais, houve também

torturas e mortes.

Embora, na listagem dos integrantes das tropas em confronto, se encontrem moradores de nossas Picadas em ambos os lados, os fatos ligados aos farrapos são narrados de maneira mais acusadora do que os vinculados aos imperiais (caramurus). Ou seja, os autores consultados na pesquisa original apresentam uma clara versão a favor dos imperiais. Nomes como Laval, Johann Adam Noschang (Moses), Catarina Karlsinger, Fries, Peter Cassel, Johannes Finger (Fingerhannes) são identificados como farroupilhas. O primeiro deles foi vítima de uma refrega com Morschel, sendo enterrado clandestinamente pelo vencedor. Outro farrapo, Noschang, esteve nas fileiras farroupilhas no cerco a Porto Alegre. A senhora Karlsinger, por sua vez, era suspeita por receber constantemente a visita do farrapo Matias Bursch, possivelmente um espião.

Também consta que, em janeiro de 1837, Jacob Paulcaspar, da Picada Bom Jardim, foi preso por rebeldia e conduzido a Porto Alegre. Além disso, em 26.1.1837, depois de uma busca de armas entre os rebeldes, o Inspetor José Correa Ferreira da Silva passou a “Picada Berghan” (atual Ivoti), onde encontrou armas em diferentes casas de alemães rebeldes, entre os quais Pedro Klos, Jacob Klos, Carelo Kruehl, Handerique (Heinrich) Laudaur (Landauer), Pedro Espingarda, Felipe Musckopf, Jacope (Jacob) Weisheimer, Jacó Mossmann, João Becker Pequerã, João Quetemes, Matheus Weber, João Finger, Pedro Vairick, João Laussermann, Pedro Noschang, Miguel Keine. (Os nomes com essa grafia foram assim registrados erroneamente pelo inspetor...)

Há fontes históricas afirmando que, em Bom Jardim prevaleciam os farrapos e, na Picada Quarenta Oito, os imperiais, já que lá moravam vários ex-soldados que tinham participado da guerra da independência do Brasil; em pagamento, tinham recebido, em 1828, lotes na Picada Quarenta Oito. Rapazes como Reichert, Schmedding, Tockorn, Arndt, Scheibel e Morschel estavam entre eles.

No entanto, havia também aqueles que lutavam dos dois lados. Michael Schenkel era uma dessas pessoas. Aos 76 anos, fez um depoimento histórico ao pesquisador Pe. Schlitz. Falou que viera ao Brasil com seis anos. No início da “guerra”, quando tinha 16 anos, um dia estava escondido no alto de uma rocha e testemunhou a trágica execução de Johann Nedel. Mais tarde, alistou-se nas fileiras farroupilhas, com a justificativa de que seu sogro temia que estes confiscassem sua única vaca e seus cavalos, uma vez que, nesse período, eram dominantes nas colônias. Mas, depois de um ataque frustrado dos farrapos a Porto Alegre, Schenkel retirou-se com eles a São

Leopoldo, onde chegou a saber que os imperiais tinham conseguido se reorganizar nas colônias. “Noth bricht Eisen” (Necessidade quebra ferro) pensou ele e, com mais dois companheiros, fugiu a cavalo para Bom Jardim. Pouco depois, inscreveu-se nas tropas imperiais (caramurus) e, mais tarde, fez parte da “Deutsche Compagnie” (Companhia Alemã). Também foi encarregado por seu superior para uma missão junto a Tatsch, na Picada 48. Tatsch assumiu então o comando de um piquete de 24 homens. Schenkel, depois de ter participado de várias lutas, conseguiu baixa das fileiras imperiais.

Artigos históricos do Pe. Schlitz indicam que os seguintes moradores locais eram imperiais (caramurus): Jakob Tatsch, Gehring, Jacob Jung, Spindler, Kehl, Peter Schneider, Friedrich (Fritz) Fröhlich, Johann Fröhlich, Peter Fröhlich, Peter Schreiner, Berlitz, outros dois de sobrenome Mallmann e Kalsinger, o inspetor Pfeilstricker, além de oito jovens de Bom Jardim não mencionados. Na lista dos soldados da “Deutsche Compagnie” (Companhia Alemã), também foram mencionados os nomes de Michael Schenkel e Daniel Fries, de Bom Jardim; o alferes Jakob Tatsch, da Picada 48; Nicolau Feldes e Franz Trein, das 14 Colônias.

Casos específicos

Várias colonizações, tais como Quarenta e Oito, Linha Café, Costa da Serra e Quatorze Colônias, faziam parte da Freguesia de São Pedro de Bom Jardim e/ou do antigo distrito de Bom Jardim/Ivoti Assim, os casos aqui apresentados situam-se nessa área. No entanto, não estão em ordem cronológica e, por vezes, não estão bem situados no tempo. É uma falha da obra consultada – “Cronik von Bom Jardim” do Pe. Carlos Schlitz – baseada em depoimentos orais.

Algumas bravatas dos imperiais ou caramurus

Quando vieram os imperiais a Bom Jardim sob o comando do Capitão Mombach (de Walachai, na época, interior de Dois Irmãos), aqui roubaram tudo o que lhes era necessário. De um moinho além do arroio Feitoria, foram buscar sacos de farinha e, na volta, fizeram um bom churrasco com o gado que tinham roubado dos vizinhos.

Durante a revolução, a família de Joh. Laueremann sofreu várias expropriações por parte dos caramurus que, vez por outra, vinham de Dois Irmãos. Numa de suas investidas, Mombach, chefe dos caramurus, derrubou todos os utensílios de uma prateleira da cozinha. Em outra ocasião, descarregou sua raiva num cobertor de penas, cuja capa lhe havia interessado: pendurou o cobertor num prego e rasgou-o de

tal forma que as penas se amontoaram no chão. Então, para completar sua bravata, jogou as penas num tonel de nata, para que ninguém mais pudesse aproveitá-las.

Também os Lauermann foram duramente atingidos durante o conflito. Consta que perderam tudo. Sobraram-lhes lavouras devastadas e, em casa, apenas alguns porongos, além de uma faca do tamanho de um dedo; roupas... apenas as que tinham no corpo.

Algumas bravatas dos farroupilhas ou farrapos

Na primeira invasão da Picada pelos farrapos (repetida ainda por seis vezes), eles mataram seis reses. Quando os colonos queriam aproveitar a carne, disseram-lhes que aquele que iria tocar nos animais abatidos podia contar, ele mesmo, com uma bala na cabeça. E, dessa forma, as reses tiveram que apodrecer naquele lugar, sem o proveito de ninguém.

Outro fato: quando a guerra revolucionária irrompeu, Jacob Jung era solteiro e tinha pouco mais de dezoito anos. Trabalhava como aprendiz de sapateiro junto a seu futuro sogro Eckert. Um dia, os farrapos forçaram a entrada da casa de Eckert e lhe tiraram botas, artefatos de couro, além de três belos cavalos, escondidos no mato.

Tempos depois, quando já era casado e trabalhava por conta, o próprio Jacob Jung foi vítima de extorsão. Certa noite, três farrapos forçaram-no a abrir a porta de sua casa para servir-lhes um lauto café, no qual teve que sacrificar a preciosa manteiga que tinha comprado para a sua esposa grávida, quando ela desse à luz. Meia hora depois de terem saído, bateram novamente à porta. Aos três homens já conhecidos juntara-se um quarto. Tinham trazido dois cavalos sem carga, nos quais passaram a carregar couros e outros objetos. Quando a esposa de Jung, desesperada, não conseguiu mais conter seu choro, um dos intrusos sacou o facão e começou a passá-lo em torno do pescoço do marido, ameaçando matá-lo se a mulher não parasse de chorar. Catorze dias depois, apareceram oito outros ladrões do campo de batalha e tiraram o resto do casal Jung. Desanimado, a família se mudou de Bom Jardim para a Picada Holanda, em local solitário.

Certo dia, alguns farrapos revistaram casas, galpões de milho e estrebarias à procura de ponchos escondidos pelos colonos. Descobriram dois deles no meio do milho de certo Feltes. Por isso, queriam fazer o mesmo nas casas de outros colonos, repetindo o que já tinham feito anteriormente. Felizmente, não acharam nada. Até o gado, de perto e de longe, os colonos escondiam em propriedades de difícil acesso, no meio do

mato.

A atuação de caramurus e farrapos em Bom Jardim, Picada 48, Linha Café, 14 Colônias, Costa da Serra (áreas que, em algum período de sua história, integravam Ivoti) não se limitava a meros confiscos, extorsões e saques. Houve também torturas e mortes, entre as quais a morte de Laval; tortura e execução de Adam Knierim, Morschel, Renner, Nedel, Kerber, além de outras pessoas esquecidas pela história.

Outros fatos, narrados na pesquisa de Luís Alberto Friedrich, estão relacionados à família Fröhlich (antepassados maternos de Luís). Veja-se o seguinte texto do autor citado:

A família Fröhlich, no início da Guerra dos Farrapos (1835), morava na Picada 48. Lá, o Menino Diabo, chefe de um grupo farrapo sediado em Baumschneiss (Dois Irmãos), algumas vezes fazia incursões na picada, fazendo horrores, assim como em toda a colônia: saqueava casas, roubava gado, matava os que a ele se opunham e, até mesmo, raptava mulheres, entre as quais a de Mathias Mombach do Walachai. Um dia desses, alguns farrapos entraram sorrateiramente na Picada 48, atacando o velho Fröhlich (meu tataravô), que estava doente e acamado. Assim mesmo, obrigaram-no a encilhar seu cavalo para o grupo.

Num momento de distração do guarda Finger Hannes, Fröhlich conseguiu montar em seu cavalo, atravessou o rio a galope e fugiu pela floresta, indo encontrar-se com Mombach em Walachai. Dias depois, seus familiares e outros companheiros, rumaram para o mesmo destino.

Os imperiais enviaram, então, uma mensagem aos cidadãos de Dois Irmãos, intimando-os a se reunirem a eles. Antes, porém, que pudessem decidir de que lado iriam ficar, apareceu o Menino Diabo com o seu pessoal, iniciando-se uma batalha. Graças à vantagem dos imperiais, o Menino Diabo foi enxotado de Dois Irmãos, refugiando-se em Hamburgo Velho.

Fritz Fröhlich, ao encontrar-se com Manoel Bento, um dos comandantes imperiais, narrou-lhe esses fatos. Imediatamente, esse comandante e seus homens foram ao encalço dos fugitivos e, no confronto com os farrapos, balearam o Menino Diabo nas pernas e conseguiram prendê-lo. No retorno para Dois Irmãos, Johann Fröhlich, irmão de Fritz, era responsável pela guarda do prisioneiro. Assim, o Menino Diabo foi levado até a casa do velho Strehle, onde foi acamado. Entretanto, quando Mombach e Kronbauer chegaram a saber do acontecido, amarraram o chefe farrapo com um laço de tropeiro e o arrastaram até a sombra de uma laranjeira, onde seus desafetos o submeteram a uma série de suplícios. Finalmente, Mombach, não podendo mais ver o

sofrimento do prisioneiro, deu-lhe o golpe de misericórdia, cortando-lhe a carótida com uma faca.

Os aproveitadores

Embora os efeitos da guerra civil, em geral, fossem desastrosos, alguns indivíduos isolados dela souberam tirar vantagem. Certas pessoas de prestígio, com frequência, recebiam dinheiro dos imperiais para agirem em prol do Império e, até mesmo, lutarem nas fileiras dos caramurus. No entanto, aproveitavam o dinheiro recebido para comprar novas terras. Considerando que, naquele tempo, o dinheiro era raro, tratava-se de uma especulação vantajosa, pois, durante a Revolução, se podia adquirir um lote colonial por apenas cinco ou seis mil reis. Várias das famílias que, mais tarde, ostentavam grande riqueza, tinham feito a sua fortuna com esse tipo de especulação.

5.2 Guerra contra Rosas

(Pesquisa ainda não publicada em livro. Autor: Roque Amadeu Kreutz)

A guerra contra Rosas durou menos de um ano e terminou em 1852, com a vitória de Dom Pedro II, Imperador do Brasil, e seu aliado Fructuoso Rivera do Uruguai contra o ditador argentino Don Juan Manuel de Rosas.

Para uma melhor compreensão do contexto histórico, é preciso fazer aqui uma clara distinção entre duas guerras: a Guerra Cisplatina, ocorrida entre o Brasil e a Argentina, que terminou em 1828; e a Guerra contra Rosas, que terminou em 1852. Para a primeira, o Imperador Dom Pedro I contratou soldados germânicos conhecidos como mercenários do Imperador; e para a segunda, Dom Pedro II contratou (novamente) mercenários germânicos, conhecidos como “Brummer”.

Com as primeiras levas de imigrantes alemães (na década de 1820), vieram os mercenários do Imperador. Seu objetivo era reforçar o exército para consolidar a independência do Império e reconquistar a Província Cisplatina (antiga Colônia do Sacramento), disputada entre o Brasil e a Argentina. Terminou em 1828, com a independência do Uruguai, o que foi considerado uma saída diplomática para ambos os países em guerra.

Já na segunda guerra, mais de duas décadas depois, o governo de Dom Pedro II contratou soldados germânicos apelidados de “Brummer”. O objetivo do Império Brasileiro era garantir a independência da República Oriental do Uruguai e proteger um grande número de fazendeiros brasileiros que tinham suas propriedades perto da divisa com o Brasil. Por outro lado, o ditador argentino Don Juan Manuel de Rosas, com o apoio do caudilho uruguaio Don Manuel Oribe, queria transformar novamente o Uruguai em província da Confederação Argentina. Seu sonho era recolocar toda a bacia platina sob o controle de Buenos Aires.

Para contratar os “Brummer”, D. Pedro II enviou o Tenente Coronel reformado Sebastião do Rego Barros à Europa, a fim de alistar e contratar soldados voluntários em Estados da Confederação Germânica. Rego assumiu essa incumbência a partir de janeiro de 1851, encaminhando os alistados para embarques em várias etapas, entre o início de abril e final de julho de 1851. Entre eles, havia soldados e oficiais de diferentes patentes.

Os contratados pelo Império Brasileiro se comprometiam a prestar serviço militar nas forças armadas, durante quatro anos. No final desse período, poderiam retornar a sua terra natal ou permanecer no Brasil como colonos. Já no embarque para o Brasil, os contratados receberam prêmios em dinheiro, desde 25 talers para soldado até 560 para tenente coronel. Se os “Brummer” optassem por permanecer no Brasil, receberiam terras equivalentes a sua graduação militar.

Feita essa introdução, vamos exemplificar fatos da guerra contra Rosas e Oribe com as peripécias relatadas por um imigrante Brummer que se estabeleceu em Bom Jardim, hoje Ivoti. Era ele Albert Boruszewky.

A legião alemã era formada por aproximadamente dois mil homens, distribuídos em vários agrupamentos. Um deles era o batalhão de infantaria com seis companhias, comandado pelo Major Samuel Lemmert. As tropas chegaram integralmente ao Rio de Janeiro, mas lá já iniciaram as primeiras deserções. Mais tarde, durante as marchas na guerra, as deserções se tornaram ainda mais frequentes.

As tropas constituídas pelos “Brummer” foram conduzidas de Rio Pardo para Pelotas e, depois, por água, a Jaguarão. Foi então que iniciaram as duras marchas através do Uruguai em direção à Colônia do Sacramento, que se situava, diagonalmente, defronte a Buenos Aires, no Rio da Prata. Durante a permanência de alguns meses na Colônia do Sacramento, faleceram dezoito ou dezenove soldados acometidos de disenteria. Também Boruszewsky ficou internado no hospital por 15 dias, acometido pela mesma doença.

As tropas enfrentavam muitas dificuldades, tanto de locomoção nas estradas precárias, quanto nas relações conflituosas entre os componentes da tropa, muito diferente do previsto no contrato celebrado com o Governo Imperial. No entanto, mesmo injustiçados, os subordinados não se atreviam a se manifestar. Mas Boruszewsky, em certa ocasião, se atreveu a apresentar queixa. Para tanto, dirigiu-se diretamente ao Major Samuel. Este, imediatamente convocou os segundos sargentos e, sobre eles, fez desabar uma verdadeira tempestade. Todavia, Boruszewsky, pelo fato de ter apresentado queixa diretamente ao um oficial superior, tinha desobedecido ao regulamento militar. Por causa disso, foi-lhe imputada uma pena de detenção de quarenta e oito horas.



Sociedade Atiradores

Outro fato foi o seguinte: um soldado alemão, que tinha os pés muito machucados durante a locomoção das tropas, acomodara-se, junto a outros soldados e esposas de soldados, numa carroça. Ao perceber a presença do oficial superior Dom Fernando, pensou em desembarcar. No entanto, por não saber se comunicar em português, permaneceu calado e mostrou seus pés ao comandante. Este, porém, muito irado, lembrou-lhe a obrigação de soldado e acusou-o de não tê-la cumprido, dando-lhe uma forte chicotada na cabeça. Assim, o infeliz soldado teve que desembarcar da carroça e, rengueando, acompanhar o deslocamento.

Quanto ao fornecimento de carne ou gado, deve-se reconhecer que era mais ou menos regular, mas houve também momentos de carência. Segue um exemplo, nesse sentido. Certa vez, quando Boruszewsky estava com os pés muito machucados, conseguiu autorização do Tenente para seguir a marcha atrás do comboio. Foi então que, na estrada, achou um pedaço de carne já bastante deteriorado. Embora não tivesse aspecto apetitoso, ele o recolheu e, já no acampamento, foi até um riacho próximo, no qual lavou o seu “petisco”. Para torná-lo tragável, temperou-o com sal e pimenta e, depois, acendeu um fogo, sobre o qual começou a assar a sua carne...

Importa ainda destacar que os Brummer participaram pouco das frentes de batalha. No entanto, ao terminar a guerra, continuaram seus sacrifícios na marcha de retorno. De Montevideo, a marcha seguiu a pé até Rio Pardo. A maioria não tinha mais calçados. Embora os sapatos tivessem sido fornecidos em grande quantidade, os últimos pares tinham ido parar nas aldeias, onde foram objeto de comércio. Assim, para proteger seus pés, muitos soldados fabricavam as próprias sandálias com tiras

dos sacos de couro cru, usados para transportar erva mate.

Pouco tempo depois, já em Rio Pardo, muitos “Brummer” foram dispensados, espalhando-se pela Província (Rio Grande do Sul), mas Boruszewsky não estava entre eles. Pelo contrário, por causa de uma pequena falta, teve que ir a Porto Alegre, onde foi alojado na caserna, juntamente com outros doze homens. Ali foram submetidos a uma espera de onze semanas. Nesse período, mediante prestação de serviços durante o dia, Boruszewsky podia ganhar alguma remuneração na cidade.

Impacientes com a longa espera, seus colegas começaram a pensar em fuga. Um dia, surgiu um fato novo que também o fez cair em tentação: um antigo mestre de uma fábrica de cordas de São Leopoldo estava hospedado num hotel, pelo qual também Boruszewsky transitava. Esse hóspede, ao pedir ao dono do hotel informações sobre como achar um técnico na fabricação de cordas, soube que havia um profissional no batalhão alemão: Boruszewsky. Conforme seu depoimento coletado pelo historiador Pe. Schlitz, Boruszewsky explica:

Foi assim que nos encontramos, e a oferta dele me subiu à cabeça. Desistindo de tudo, fui parar em São Leopoldo, onde passei a trabalhar no velho Würdig,

Durante três meses, trabalhei nesse mestre cordoeiro, cumprindo horário arrochado: começava bem cedo de manhã e só parava noite adentro, isso por um verdadeiro salário de fome. É muito compreensível que, com uma remuneração tão baixa, não seria possível fazer uma poupança, tanto que eu parecia um maltrapilho. Entretanto, não existia outra fábrica de cordas na região. Contrariado, fiz o propósito de largar a profissão e procurar outra.

Certo dia fui para Bom Jardim, a fim de procurar serviço com a ajuda do meu velho conhecido e ex soldado Carl Ternorowitsch, agora cocheiro no Jacob Müller. Sem achar saída, voltei a São Leopoldo. Passados três meses, não quis mais ficar no mestre cordoeiro por preço nenhum. Novamente fui a Bom Jardim, onde fui hospedado por Jacob Müller. Durante a janta, contei-lhe a minha história, inclusive que, recentemente, eu ainda tinha aproveitado pelo menos doze arrobas de linho que meu patrão queria queimar por considerá-las inaproveitáveis. Com isso, o patrão ganhara uma renda extra de vinte e quatro mil reis.

Impressionado com o meu relato, Müller me convidou para abrir uma cordoaria em Bom Jardim, oferecendo-me ajuda e empréstimo de significativa quantia em dinheiro.

Foi então que amoleci, ficando com lágrimas nos olhos, pois eu sabia que os soldados (os “Brummer”) tinham má fama. Muitos deles eram realmente desonestos a tal ponto de casarem com viúvas e, depois de gastar seus bens e as terem violentado, as abandonavam. E agora, o bom homem me fazia uma oferta tão generosa.

No início, Boruszewsky ia muito bem. Para a sua fábrica, ele adquiria o linho principalmente de Feliz, onde cada colono o cultivava. Por ano, conseguia transformar duzentas arrobas em produtos que, por sua vez, eram vendidos em todas as picadas, bem como em Portão, São Leopoldo e Porto Alegre.

Muito bem situado, ele foi introduzido numa das melhores famílias e se casou com uma filha do velho Georg Gehring, pai de 14 filhos, dos quais sobreviveram seis moças e três rapazes. Infelizmente mais tarde, no local da residência de Boruszewsky, as coisas mudaram em relação a problemas de saúde na família. Seus filhos sempre estavam doentios e magros, tanto que ele pensava seriamente em deixar Bom Jardim e se mudar para Montenegro. Sua esposa, porém, sempre lhe respondia com a mesma palavra: “Existe apenas uma Berghanerschneiss (Picada Berghan)”. Por isso, Boruszewsky acabou comprando outra colônia e, por segurança, ficou com a antiga área de terras situada do lado oposto a do velho Gehring. Assim, nove meses depois, seus filhos estavam com saúde e bem animados. Importante notar que seus netos, embora estivessem na mesma propriedade em que seus filhos viviam doentes, gozavam de perfeita saúde.

Informações mais detalhadas sobre a biografia e descendência de Albert Boruszewsky serão publicadas, futuramente, em edição de um novo livro sobre a história de Ivoti.

(Fonte: artigos em alemão do Pe. Carl Schlitz, publicados no jornal Volksblatt, entre 1896 e 1898.)

5.3 Guerra do Paraguai

(Pesquisa original: Leani Veiga Koppe)

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado e devastador da América do Sul. Iniciou em dezembro de 1864 e se estendeu até março de 1870. Naquela época, o Paraguai era o país mais desenvolvido do continente sul americano, mas foi aniquilado durante esse conflito internacional.

Existem várias versões sobre as causas dessa guerra. Pouco depois de seu término, importantes historiadores atribuíram essas causas à ambição expansionista de Solano Lopez, então ditador do Paraguai. Mas, a partir da década de 1960, surgiu a versão de que o conflito teria sido motivado por interesses britânicos, querendo impedir a ascensão econômica de um país latino americano.

De fato, na segunda metade do século XIX, o Paraguai tinha alcançado um progresso econômico autônomo. E o desencadeamento do conflito se deu quando Solano Lopez tentou conquistar uma saída para o mar, com o objetivo de ter o seu próprio porto. Além disso, o Governo Paraguaio não concordava com várias questões políticas latino-americanas, entre as quais a cobrança das altas taxas portuárias.

Para realizar seus objetivos, Lopes invadiu a província do Mato Grosso. Três meses mais tarde, declarou guerra à Argentina, embora esta quisesse neutralidade no conflito. Nessa condição, não permitia que as tropas paraguaias atravessassem o seu território para atacar o Uruguai e o sul do Brasil. O descumprimento dessa exigência resultou na Tríplice Aliança: Argentina, Uruguai e Brasil contra o Paraguai.

A fim de dar apoio moral às tropas brasileiras, veio o Imperador D. Pedro II para o sul. Por um lado, a Colônia de São Leopoldo ficou feliz com essa visita; por outro, muitos imigrantes alemães e seus descendentes ficaram aflitos, pois tiveram que se mobilizar para a guerra. Essa situação acabou se tornando constrangedora, pois muitos oficiais e sargentos germânicos eram considerados cidadãos de segunda categoria. Some-se a isso o descumprimento de uma lei da Província, segundo a qual os filhos de viúvas e viúvos com filhos menores não deveriam ser convocados.

São Leopoldo já tinha sido elevada à categoria de cidade em 1864. Contava, então, com uma população numericamente significativa, pois incluía Hamburgo Velho, Costa da Serra, Portão, Capela de Santana, Estância Velha, Bom Jardim, Morro Reuter,

Dois Irmãos, Campo Bom, Sapiranga, além de outras localidades. Ocorreu que, nessas localidades, foram também incorporados, à força, filhos de viúvas e, até mesmo, menores e inválidos. Um exemplo dessa irregularidade foi a convocação dos menores Wilhem Trein e Martin Boeckel que tinham, respectivamente, quinze e dezesseis anos.

Os imigrantes alemães do Vale do Rio do Sinos foram incorporados em quatro unidades militares, nas quais diversos ex-Brummer tiveram intensa participação. Uma das lideranças foi Carl Ferdinand Schneider, que fez um giro pelas Picadas e conseguiu várias adesões. Mais tarde, Schneider sofreu queimaduras durante uma salva de tiros e teve que ser hospitalizado. Foi então substituído por outro ex-Brummer, Wilhelm von Russwitz ou Reisswitz. Assim, em novembro de 1865, o grupo de combatentes alemães ficou pronto para a guerra.

Na guerra do Paraguai, os teuto-brasileiros participaram de conflitos e batalhas que ceifaram muitas vidas. A de Tuiuti, então, foi uma verdadeira carnificina. Na batalha de Curuzu, destacou-se o tenente Louis Adolf Haesbert, filho do Pastor Luterano Johann Haesbert, que trabalhou em Bom Jardim. No entanto, esse oficial faleceu de cólera-morbus, em Corrientes, Argentina. Outra batalha muito violenta foi a do Corupaiti, na qual os alemães lutaram num batalhão de destaque. Mas houve também grandes baixas, agravadas por epidemias, tais como a cólera-morbus. Por causa da mesma doença, pereceram Jacob Schilling, Carl Hartz e Jacob Timm.

Foram cerca de 500 alemães e descendentes que tinham partido para o cenário da guerra, representando 0,05% de todo efetivo do Brasil, mas, nem todos estão relacionados nas listas oficiais. Da Picada Bom Jardim, estavam listados Jacob Bauermann, que partiu para a guerra em 12/12/1865 e atuou como capitão da 5ª. Companhia do Corpo da Cavalaria; Pedro Schneider, alferes, natural de Picada Capivara, participou do 4º Esquadrão; Cristiano Lamb, segundo tenente da segunda companhia; Pedro Tatsch, sobre o qual nada mais consta; Jacob Dockhorn, soldado; Nicolau Dockhorn, nascido na Picada 48, que foi um voluntário da Pátria e, após a guerra, mudou-se para Santa Cruz do Sul, falecendo em Monte Alverne em 1907; Mathias Dilly, que morreu na Guerra do Paraguai em 1866 em consequência de ferimento recebido no ataque à Fortaleza do Corupaiti; Felipe Herzer, que apenas é citado por um dos autores consultados; Norberto Krug, ou Friedrich Krug, soldado, que teria regressado da guerra, passando a receber o soldo honorário e teria falecido de morte natural em Linha do Herval, município de Venâncio Aires, RS. Entretanto, considerando a dúvida no prenome, também pode ter se tratado de Georg Friedrich Krug nascido em Bom Jardim em 19. 01.1848, filho primogênito do imigrante Jacob Krug, chegado ao Brasil em 1844.

5.4 Revolução Federalista ou guerra dos maragatos

(Pesquisa original: Roque Amadeu Kreutz)

O palco principal da Revolução Federalista ou Guerra dos Maragatos foi o Rio Grande do Sul, embora também se tenha estendido para Santa Catarina e Paraná. Ocorreu entre fevereiro de 1893 e agosto de 1895, pouco depois da Proclamação da República. Sua causa foi a instabilidade política: de um lado, estava o Partido Republicano, que tinha a Presidência do Estado em suas mãos; de outro, o Partido Federalista, que era contra à excessiva concentração de poder nas mãos do Presidente Júlio Prestes de Castilhos.

Quando estourou a Revolução Federalista, muitos imigrantes alemães pioneiros já tinham morrido. Em seu lugar, estavam então seus descendentes. Estes, como brasileiros natos, já tinham a obrigação de cumprir seu dever de cidadãos, bem como o direito de participar ativamente da política. Nessas condições, nomes germânicos podem ser encontrados tanto nas fileiras federalistas (revolucionárias) quanto nas republicanas (governistas). Entre os federalistas se destacam Jungblut e Joseph Altenhofen, ambos atuando em locais como Taquari, Lajeado, Estrela, Teutônia, Santa Cruz, Venâncio Aires, entre outros. Já entre os republicanos ou governistas, destacou-se a liderança de José Diel, comandando as lutas contra os federalistas em defesa de Santa Clara (nas proximidades de Lajeado).

A antiga Picada Bom Jardim pouco sofreu com a Revolução Federalista. No entanto, como esta pesquisa resgata fatos históricos que envolvem antigos moradores residentes no território do distrito de Bom Jardim, temos que admitir que várias escaramuças contra os maragatos fazem parte da história de Ivoti. Na condição de terceiro distrito de São Leopoldo, Bom Jardim se estendia até o Rio Cadeia, no atual Município de Picada Café. Em sua área, estavam incluídas as Picadas Quarenta e Oito, Bohnental, Schneiderstal, Lichtental, Hollanda, localidades que foram alvos de investidas dos maragatos (federalistas) e onde houve algumas escaramuças.

Episódios da Revolução Federalista vinculados a Ivoti

Em nossa região, os conflitos surgiram somente a partir de meados de agosto de 1894, depois da morte de Gumercindo Saraiva, um dos líderes mais importantes dos

federalistas ou maragatos. Resumiam-se a investidas dos maragatos de cima da serra, comandados pelos irmãos Correa e Leão. Não se tratava propriamente de uma luta política, mas de saques e outros tipos de violência. Inicialmente, as vítimas eram apenas desafetos políticos ou inimigos pessoais de membros do bando federalista. Mais tarde, porém, os próprios partidários dos federalistas (maragatos) acabaram sendo vítimas de confiscos ou roubos.

Também aqui havia inimizades entre os partidários dos federalistas (maragatos) e castilhistas (republicanos). Assim, por longo tempo, os grupos maragatos de Leão e Correa foram considerados como “gente boa” pelos colonos federalistas, ou, se muito, como tropas irregulares do exército revolucionário.

No distrito de Bom Jardim (Ivoti), o primeiro fato ocorreu a 19 de agosto de 1894. Sete homens do bando de Correa entraram na Picada Holanda. Apresentando-se como homens de paz, pediram pernoite na casa do comerciante Jacob Weber. Por causa da desunião entre os moradores, cada qual se retraía, apenas observando de longe o grupo armado. Este, por sua vez, se manteve com aparente tranquilidade. Mas, na madrugada do dia seguinte, três dos “visitantes” cavalgaram até o Schneiderstal, onde se apresentaram como representantes de um grupo do governo. Lá, requisitaram 32 boas montarias (cavalos e mulas) e outros bens. Também os quatro maragatos que tinham ficado na Picada Holanda procederam da mesma maneira, apoderando-se dos melhores cavalos, mulas e outros bens de valor. Antes que os moradores pudessem organizar uma reação, os maragatos já tinham subido a serra.

Um mês depois, isto é, em 19/09/1894, motivados pelo sucesso anterior, um grupo de 28 maragatos desceu pelo vale do rio Cadeia, reunindo-se no Lichtental, na propriedade de Johann Hannauer. Inesperadamente, todos dirigiram-se para a Picada Café. Desta vez, porém, não foram recebidos tão desprevenidamente. Sem demora, ouviram-se tiros de alarme, sinal para uma imediata reunião de defesa. Mas, também os invasores estavam prevenidos, conseguindo surpreender o grupo comandado por Philipp Heinrichs, o qual ficou ferido na mão. Wilhelm Schöffler, ao tentar socorrer o companheiro ferido, caiu prisioneiro, mas conseguiu se libertar em novo confronto. Depois da escaramuça, os maragatos dirigiram-se ao potreiro de Wilhelm Schabarum, onde se alimentaram, trataram seus animais e passaram a noite.

Na manhã da quinta-feira seguinte, um significativo número de moradores da Picada Holanda estava reunido na casa de Jacob Weber para organizar sua defesa. Sem demora, os maragatos da serra lhes enviaram um mensageiro de paz. Ingenuamente, os participantes da reunião se dispersaram, caindo numa armadilha: um grupo de maragatos invadiu a venda de Jacob Weber, extorquindo-lhe 400\$000 em dinheiro, bem como apetrechos para montaria, tecidos, chapéus e tudo o mais que lhes agradasse. Em seguida, dirigiram-se à casa comercial de Nicolaus Schneider, onde a

“Frau Schneider” foi obrigada a lhes franquear tudo. Raivosos por terem encontrado pouco, se vingaram nos clientes Johann Schneider, Peter Backes e o professor da escola luterana. Depois de conseguirem 110\$000 do professor, ainda surraram os colonos com golpes de espada. E, por passatempo, jogaram Peter Backes no rio. Seguiram, então, morro acima, cometendo outras atrocidades.

Outro fato aconteceu no dia 26 de setembro (1894) na Picada 48 Lá, apareceram Antônio Correa e um dos irmãos Leão. Foram, então, conduzidos até o Subintendente Capitão Peter Cassel, ao qual fizeram a seguinte ameaça: “Nós precisamos de montarias. Se vocês as fornecerem espontaneamente, iremos embora. Caso contrário, vamos nos apoderar delas à força”. Sem saber o que fazer, o Capitão Cassel convocou uma reunião de vários moradores e lhes apresentou a requisição dos Correa. Para evitar o pior, os reunidos concordaram em dar animais de montaria aos invasores.

Em outra ocasião, o bando de Correa, blefando com os moradores de Picada Café, pediu-lhes “os cavalos que lhe tinham sido prometidos”. Todavia, os colonos, que em grande número tinham se reunido junto à ponte (do rio Cadeia) para receber dignamente o bando, mandaram dizer que Correa viesse buscá-los pessoalmente. Os colonos, divididos em dois grupos, um deles sob o comando do Inspetor Peter Trokur, deveria deixar passar os invasores para que estes ficassem entre dois fogos. Inadvertidamente, porém, alguém disparou um tiro, de modo que começou o tiroteio. Quando os colonos terminaram de descarregar suas taquaris (“espera um pouco”) de um cano, os invasores, que conheciam as precárias armas de seus adversários, fizeram um segundo ataque, no qual um filho do colono Spengler acabou sendo atingido. A bala lhe atravessou o braço e atingiu a barriga. Do lado dos maragatos, caíram dois cavalos e foram feridos três homens. Durante o retorno, porém, os invasores levaram cinco ou seis belos cavalos e mulas, e ainda fizeram um saque-arrastão nas casas dos colonos Sommer, Laux e Noswitz. O que não conseguiram levar, destruíram com vandalismo.

Diante desses e outros fatos, os colonos da região criaram uma associação de defesa. Em reunião realizada na Picada Feijão, escolheram o Professor Mathias Steffens como presidente, e o senhor Joseph Finger como vice. Sem dúvida, essa iniciativa trouxe mais tranquilidade e segurança para as picadas.

Já no começo de fevereiro de 1895, por causa da ameaça de um ataque a Nova Petrópolis, muitos associados tiveram sua primeira prova de fogo. Unidos aos de Picada Café, os colonos foram ao encontro do bando maragato. Encontraram os maragatos preparando um churrasco no poteiro de Procópio da Silva. Assim, estavam na mira dos colonos por dois lados. Entretanto, a tão bem planejada tática não produziu os efeitos esperados, pois novamente os maragatos tinham sido

prevenidos por um espião. Aos gritos de guerra, os maragatos vieram prontos para o combate. no qual caiu morto um deles, o Negro João Macaco. Por isso, retrocederam, locomovendo-se pelo caminho de saída. Ali, foram barrados por um grupo de colonos. Então, já mais calmos, os maragatos apelaram para a paz. Percebendo, porém, que seus apelos eram em vão, embrenharam-se pelo mato, arrastando consigo cinco companheiros gravemente feridos, deixando para trás, além do cadáver de João Macaco, 37 cavalos e mulas, alguns fuzis (Comblaingewehre), bom número de pistolas, espadas, ponchos e vários apetrechos de montaria. Já do lado dos colonos, apesar do fogo cerrado, nem sequer houve feridos. Apoderando-se dos troféus, o batalhão vencedor festejou a vitória.



Interior da Igreja São Pedro Apóstolo

Outros fatos também merecem destaque: no dia 05 de fevereiro (1895), veio a notícia de que o inimigo tinha se mostrado novamente. Os colonos souberam que, desta vez, o chefe maragato Demétrio Ramos estava a caminho. Aos colonos armados juntaram-se, então, 40 guardas municipais. Em Campestre, depois de percorrer a localidade, esse batalhão encontrou a localidade “depenada”, não havendo sequer uma rês em condições de ser abatida para lhes matar a fome. Mais adiante, numa inclinada ribanceira, encontraram a estrada obstruída por uma barricada de árvores. Finalmente, depois de muitas peripécias e mortos de fome, chegaram a Linha Araripe. Entretanto, lá tiveram nova surpresa: a maioria dos habitantes tinha fugido, deixando abandonadas suas residências, tanto que, nem lá, havia algo para matar a fome.

Considerando que, nessa marcha, em nenhuma ocasião tinham encontrado o inimigo, os colonos resolveram voltar para casa. Foi então que receberam várias notícias:

Demétrio Ramos realmente estava acampado “lá em cima”, no mato de Leôncio Leão. Maneco Leão tinha sido ferido em Taquara e, na mesma ocasião, Antônio Correa tinha sido morto. O bando dos Correa estava agora sob o comando de Leôncio. Este, porém, no combate havido no potreiro de Procópio da Silva, tinha perdido seis homens, além de quatro gravemente feridos; por isso, tinha recorrido a Demétrio Ramos para novos enfrentamentos. Mas, com o tratado de paz entre republicanos (govenistas) e federalistas (maragatos) revolucionários (agosto de 1895), a situação, aos poucos, voltou à normalidade.

Legenda na foto original: “Guerra dos Maragatos – Bom Jardim – João (Hannes) Dilly e Peter Dilly com panelas nas mãos.” Foto do acervo de Herta Sporket Patro, contendo o carimbo do fotógrafo Carl Wildner – Retoques feitos por R. Amadeu Kreutz.

5.5 Segunda Guerra Mundial

(Pesquisa original: Vanessa Pustai)

A Segunda Guerra Mundial começou em setembro de 1939 e terminou em maio de 1945, sendo a maior catástrofe provocada pelo homem em toda a sua longa história. Numerosas nações do mundo formaram os “Aliados” contra os países do “Eixo”, constituídos pela Alemanha Nazista (Hitler), a Itália Fascista (Mussolini) e o Japão (Imperador Hiroíto). As consequências trágicas dessa guerra, além dos imensos prejuízos materiais, foram cinquenta milhões de mortos e, aproximadamente, vinte e oito milhões de mutilados.

Quando os Estados Unidos entraram na guerra, pressionaram o governo brasileiro a fazer o mesmo. Pouco depois, aconteceu o afundamento de embarcações brasileiras por submarinos alemães. Dessa forma, em agosto de 1942, Vargas declarou guerra contra os italianos e alemães. Entretanto, somente em 1944, as tropas brasileiras começaram a ser enviadas para a Itália, onde combateram ao lado das forças estadunidenses. Ao todo, mais de 25 mil soldados brasileiros tinham sido enviados para a Europa, onde contabilizaram vitórias, mas também sofreram a perda de 943 homens.

Lembrando que a guerra era contra os alemães, italianos e japoneses, os respectivos imigrantes locais e seus descendentes (brasileiros) passaram a sofrer represálias. Todos os que se comunicavam nessas línguas foram considerados suspeitos. Ivoti, onde a língua dominante era o alemão, também estava sendo vigiada pelas autoridades brasileiras. Falar o idioma alemão era proibido e passível de multa ou de prisão.

Heyde Fritsch narra fatos de pessoas que foram levadas para a Colônia Penal Daltro Filho, em Porto Alegre. Entre elas, estava o marido de Irmgard Wulfhorst, sob uma única acusação: ele era alemão. Outro fato é que, certa vez, uma senhora estava com compotas de frutas e conservas de alimentos sobre o balcão. Vieram, então, os soldados e jogaram tudo no chão e pisotearam esses alimentos.

Lino Bohn foi levado preso porque costumava dar doutrina em alemão. Descoberto pelos fiscais, estes encarceraram o “criminoso” em Porto Alegre. Sua mulher estava grávida e não sabia para onde tinham levado o marido.

Muitas pessoas, assustadas com a proibição da língua e da leitura em alemão, destruíam tudo o que pudesse incriminá-las. Até mesmo Bíblias foram queimadas. Na comunidade de 48 Baixa, muitos livros foram jogados num poço e cobertos com terra para sempre. Algumas pessoas, porém, escondiam seus livros em sótãos, árvores ocas do mato ou os enterravam em caixas. Assim, mal protegidos, a maioria se deteriorou.

Ter um rádio em casa também era perigoso. Quem tivesse um aparelho era obrigado a pagar, anualmente, uma espécie de imposto de guerra.

Os cultos religiosos também sofreram com a proibição da língua. Muitas vezes, durante a celebração, o presidente da comunidade ficava de guarda em frente à igreja. Quando os “brigadianos” apareciam, todos ficavam em silêncio dentro da igreja até que eles fossem embora. Outras vezes, a Brigada ficava armada na porta da igreja, vigiando se o padre falava alemão. Não raro, acontecia o mesmo na escola.

Nas famílias, os próprios membros fiscalizavam-se mutuamente para evitar que todos fossem incriminados. Imigrantes alemães idosos também eram vítimas de arbitrariedades. Livros que tinham trazido da Alemanha, quando descobertos pelos policiais, eram queimados na frente deles.

Nesse contexto, denominações de diversas localidades tiveram que ser traduzidas, às vezes de forma errada: Teufelsloch = Buraco do Diabo; Bohmental = Picada Feijão; Schneiderstal = Picada Schneider; Neu Deutschland = Nova Vila, e assim por diante.

O desrespeito e a humilhação aos teuto-brasileiros não provinha apenas das autoridades. Muitas vezes, cidadãos luso-brasileiros, sozinhos ou em grupos, agrediam verbalmente os imigrantes alemães e seus descendentes.

Todavia, fatos mais pitorescos também fazem parte das lembranças da Segunda Guerra Mundial. Um exemplo é lembrado por Hilda Holler. Antes de saírem para a praia (Tramandaí), seu pai colhia maçãs no pomar, distribuindo-as aos fiscais pelo caminho. Mesmo assim, os “viajantes” cuidavam uns dos outros para não falarem alemão.

Depois da guerra, houve também mobilizações locais em favor dos flagelados da Europa. Exemplos ainda hoje são lembrados, entre os quais o narrado por familiares do imigrante Anselm Seth. Parentes próximos dele passavam por situações extremamente penosas na Alemanha, chegando a passar fome e frio. Pediram, então, ajuda a Anselm e a seu irmão (este, residente em Novo Hamburgo). Os dois irmãos passaram a mandar-lhes roupas e, sobretudo, café de primeira qualidade. O café era comprado a granel; depois era torrado, moído e muito bem embalado. Então era levado a Porto Alegre, onde era despachado para o seu destino. Ao receberem tão

preciosa mercadoria, os parentes de Seth da Alemanha vendiam-no em pequenas porções, obtendo, assim, recursos para comprar os alimentos mais necessários.

Além da família Seth, muitas outras pessoas de Ivoti (e de outras localidades teuto-brasileiras) colaboraram com donativos para atenuar os sofrimentos dos alemães logo após a Segunda Guerra Mundial. Nos dias de hoje, isso parece soar estranho, pois, nas últimas décadas, muitos recursos de instituições alemãs foram destinados para entidades brasileiras, inclusive para entidades desta região.

6. Comunidades religiosas pioneiras

6.1. Comunidade católica

(Pesquisa original: Roque. Amadeu Kreutz e Luís Alberto Friedrich)

Inicialmente, não havia sacerdotes católicos alemães na Colônia de São Leopoldo. Por isso, antes da criação de uma comunidade em Bom Jardim (Ivoti), as necessidades religiosas eram satisfeitas através de reuniões caseiras sob a liderança de um colono. A história registra que os cultos dominicais eram celebrados no casebre do velho Noschang, e, mais tarde, na residência do casal Isaías Noll. Esporadicamente, porém, havia visitas de padres portugueses nesta região que realizavam casamentos, batizados e outros ofícios religiosos em Bom Jardim.

A comunidade religiosa e escolar católica de Bom Jardim foi criada em 1834, abrangendo também as Quarenta e Oito Colônias. A partir de então, os cultos comunitários eram dirigidos por um professor ou outro líder local, isso quando não havia visita de padre. Uma vez fundada a comunidade, esta passou a ser administrada por uma diretoria, que logo assumiu a construção de uma pequena capela de madeira que, mais tarde, seria substituída por outra maior.

O esporádico atendimento espiritual de Bom Jardim era feito pelos vigários de Sant'Ana (do Rio dos Sinos) e de São Leopoldo. O padre Ignácio (Pe. João Inácio de Mello) vinha, de vez em quando, de Sant'Ana (hoje Capela de Santana) para fazer os batizados e, aqui ou acolá, rezar uma missa. Sob a influência dele foi escolhido o padroeiro São Pedro. Sua ideia prevaleceu por ele ter doado uma estátua desse santo para a comunidade. Por parte de S. Leopoldo, os serviços pastorais foram aqui realizados, primeiro, pelo padre Antônio e, depois, pelo padre Brinfart.

Em 07 de dezembro de 1834, com criação da comunidade católica e escolar de Bom Jardim e das 48 Colônias, os sócios fundadores baixaram cinco determinações sobre o funcionamento da comunidade, explicitando direitos, deveres e sanções. Esse registro foi subscrito pelas seguintes pessoas, algumas somente identificadas pelo sobrenome: Dillenburg, Eckert, Peter Noschang, Johann Finger, Johann Sauermann, Adam Klein, Johannes Göttems, Balthasar Döbel, Jacob Eckert, Heinrich Müller, Mathes Schneider, Jacob Stein, Isaías Noll, Franz Bogorni, Johann Allgayer, Johann Weber, Peter Schneider, Joh. Friedrich Papin, Jacob Mossmann, Jacob Kunssler, Heinrich Kirsten, Johann Arend, Jacob Unfried, Jacob Schmits, Friedrich Fey, Georg Berg, Georg Gehring, Franz Papin, Martino Fänger, Wolfgang Papin, Carl Arnhold,

Em 1846, padres espanhóis pregaram missões nas colônias germânicas, inclusive em Bom Jardim. O local das celebrações era uma capela de madeira, ou melhor, a frente dela por falta de espaço: os padres faziam suas pregações no pátio, em língua espanhola que, graças à sua semelhança com o português, era compreendida por algumas pessoas. Estas, por sua vez, assumiam o papel de tradutores/intérpretes. Entre eles, destacavam-se o velho Georg Gehring e Johnannes Finger.

Com o aumento da população, o espaço da capela novamente tornou-se pequeno. Por isso, em 1847, foi iniciada a construção de uma maior, com pedras grés. Sua localização coincidia, parcialmente, com a atual igreja matriz, embora se estendesse mais para a esquerda. Ao ser concluída, foi inaugurada por um padre alemão que fez a pregação na própria língua dos imigrantes. Era o dia 15 de agosto de 1849.

No entanto, continuava faltando um regular atendimento espiritual por parte de sacerdotes alemães. Na maioria das vezes, o culto continuava sob a responsabilidade de leigos, entre os quais os professores Allgayer e Mathias Schütz. O povo exultava quando o padre Agustin Lepinsky de Dois Irmãos ou o padre Johann de S. José do Hortêncio vinham para a picada, realizando os atos litúrgicos em alemão.

Com o aumento da população e o desenvolvimento da localidade, a capela construída em 1847 (novamente) tornou-se pequena. Por isso, uma nova capela foi construída. A inauguração se deu em 29 de junho de 1857, em celebração presidida pelo padre Brinfart, Vigário de São Leopoldo, e concelebrada pelo padre Johann Sedlach da Picada dos Portugueses (São José do Hortêncio). Essa capela foi o prédio inicial da matriz paroquial (1867). Mais tarde, foi ampliada, sendo hoje a “Igreja Velha” de Ivoti.

Ao lado de sua função pastoral, os padres também exerciam o cargo de escrivães, pois cabia-lhes fazer oficialmente os registros de batizados (nascimentos) e casamentos, equivalentes aos atuais registros civis. Em outras palavras, o catolicismo era a religião oficial do Império, tanto que os padres eram pagos pelo governo (côngrua). Por outro lado, os registros religiosos dos pastores luteranos não eram reconhecidos oficialmente.

No ano de comunidade conseguiu a residência fixa de um capelão. Era o padre Joh. Meinulphus Traube. Ele, porém, foi suspenso em 1864, devido a seu comportamento pouco exemplar. Assim, desde 1864 até 1868, Bom Jardim ficou sem padre. Para realizar os batizados, casamentos e outras funções religiosas, vinham, esporadicamente, os párocos de Dois Irmãos ou de São José do Hortêncio. Em 1868, foi designado o padre Franz Xaver Schleipen como orientador espiritual (capelão) da comunidade.

No período em que não havia mais capelão, diversas lideranças se empenharam para conseguir o status de paróquia para Bom Jardim, pois isso não significava apenas desenvolvimento religioso. Ao redor de uma igreja matriz costumavam surgir atividades comerciais, estabelecimentos de prestação de serviço e, até mesmo, pequenas indústrias, dando forte impulso econômico à localidade. Assim sendo, várias lideranças regionais (católicas e não católicas), empenharam-se para conseguir a criação da paróquia. Entre elas, estava o Coronel Hildebrand, então autoridade máxima nas colônias alemãs. Dentre os habitantes locais, merece destaque Johann Finger, que fez vinte e nove viagens a São Leopoldo e sete a Porto Alegre para levar essa reivindicação às autoridades. Nesse processo, também cabe lembrar a participação de dois ricos comerciantes de confissão evangélica que se valeram de seu prestígio para colaborar com o mesmo objetivo.

Finalmente, a decisão de criar a paróquia São Pedro de Bom Jardim foi tomada em Assembleia Provincial com a participação do Bispo Diocesano. Assim, pela lei provincial 635 de 04 de novembro de 1867, Bom Jardim separou-se legalmente da paróquia de São Leopoldo. Todavia, somente no dia 10 de fevereiro de 1869, o Bispo Dom Sebastião Dias de Laranjeira, durante uma missa festiva, anunciou a instalação canônica da paróquia. Nessa ocasião, o padre Franz Xaver Schleipen passou de sua condição de capelão para a de primeiro pároco de Bom Jardim

Em outubro de 1869, o padre Schleipen foi substituído primeiro pelo padre August Lohmann e, depois, pelo padre Blees, os quais desempenharam a função pastoral até fevereiro de 1870. Em março de administração da paróquia passou ao padre Eugen Steinhart. Seu ajudante era o Irmão Anton Plail.

Durante o período do padre Steinhart, vários acontecimentos importantes quebraram a rotina da nova paróquia, entre os quais a Festa da Paz e a Festa do Papa, ambas realizadas em 1871. Foi também no período desse padre que houve um surto de varíola em Bom Jardim.

Em julho de 1875, padre Steinhart foi substituído pelo padre Franz (Franciscus) Trappe. Este, com grande habilidade pastoral, desempenhou as funções de pároco durante oito anos – até o final de 1883. Ao ser nomeado pároco de São Leopoldo, foi substituído pelo padre Andréas Eultgen.

Sob o comando desse pároco, realizaram-se várias obras, entre as quais a ampliação da igreja. Em 1889, foi demolida a precária torre de madeira e aumentada a nave da igreja, na qual foram colocadas duas portas laterais. Uma bela torre foi iniciada (existente até hoje), recebendo a sua última pedra na Páscoa de 1890. Quatro lindas janelas de vidro, trabalhadas artisticamente, foram colocadas.

O pároco seguinte foi o padre Peter (Petrus) Gasper, que assumiu o cargo em 25/01/1891. Dedicou-se para desenvolver a dimensão social na paróquia, e continuou os trabalhos de decoração da igreja. O assoalho foi revestido com lajotas de cerâmica fabricadas em Bom Jardim, e o coro, revestido por ladrilhos coloridos de cimento, fabricados pela firma Ferreira de Porto Alegre. Também foi comprado um harmônio novo, além de três sinos, que foram inaugurados na Páscoa de 1896. Mas, o grande mérito do padre Gasper na região foi ter trazido as Irmãs de Santa Catarina, o que foi uma bênção para toda a colônia.

Em 1907, o padre Gasper foi substituído, pelo padre Aloys Peifer, que ficou em Bom Jardim até 1909, quando, por motivo de doença, foi substituído pelo padre Franz Xaver Behme. Este foi o último jesuíta que esteve à frente da paróquia. A partir de 1911, por determinação do Bispo Dom Cláudio, a paróquia foi assumida por padres seculares.



Sociedade Atiradores de Bom Jardim

A posse do primeiro pároco secular foi em 15 de fevereiro de 1911. Era o padre Mathias José Gansweidt que, futuramente seria conhecido como autor do livro “As vítimas do Bugre”.

De 15/02/1911 até 04/02/1917, a paróquia era administrada por apenas um padre (denominado “vigário”; hoje a denominação seria “pároco”). Entretanto, uma vez por mês, recebia a ajuda de um sacerdote de fora.

O segundo pároco secular foi o padre João Emilio Berwanger, empossado em 31/12/1912. Mas, já em 02/01/1914, assumia a Paróquia o padre Pedro Leão

Mallmann, que exerceu o cargo até 27/01/1917. De acordo com o seu relatório anual de 1915, Bom Jardim tinha 4.000 habitantes, dos quais 2.500 eram católicos, e 1.500, não católicos. No mesmo relatório, consta que 2.000 falavam português, 20, italiano e quase todos, alemão.

Em 1914, além da Matriz, havia quatro capelas: São João Batista de Bohnental (Picada Feijão, Sagrada Família de Schneiderstal, Nossa Senhora da Visitação de Holanda, (denominada também “Picada Café”), e Capela Santa Joana Francisca de Chantal de Joannettental.

Nesse período, houve várias melhorias na Matriz: no dia 09 de maio de 1915, começou a funcionar um relógio na torre. E, no mês de novembro, foi instalada a luz elétrica na casa paroquial e na igreja matriz.

No mesmo ano (1915), foram pregadas missões na paróquia, as quais foram dirigidas pelos Padres Missionários Maximiliano von Lassberg S.J. e Bernardo Bahlmann S.J.

Entre 1914 e 1918, houve a Primeira Guerra Mundial. Por isso, a partir de 14 de novembro de 1917, o governo federal proibiu cultos em língua alemã. O padre Nicolau Knob, pároco de Bom Jardim de 06/01/1918 a 18/05/1924, indignou-se com essa proibição. E, para não comprometer o Arcebispo, limitou-se a fazer críticas pessoais contra essa proibição.

No mesmo período, a pedido de autoridades eclesiais locais e europeias foi feita uma coleta em benefício das arquidioceses de Reims e Cambrai, e das dioceses de Nancy, Saint-Dié, Soissons, Chalons, Lille, Verdun, Amséns, Beauvais e Arras, a fim de ajudar a reconstrução das obras diocesanas danificadas pela Primeira Guerra Mundial.

Em 19/11/1924, poucos meses depois de o padre João Willibaldo Schmitz assumir a paróquia, aconteceu o primeiro incêndio na igreja matriz. Esse pároco registrou o fato no livro tombo: “Foi visto o incêndio pelas uma e meia depois do meio dia. Quando foi visto, a Igreja estava quase completamente em chamas, não sendo mais possível salvar a Igreja. De dentro da Igreja só ainda se pode tirar três bancos e mais nada. (...) Eu estive naquelles dias em visita de capellas. Me vieram chamar na Hollanda; não vi senão um montão de cinza e carvão e paredes vazias mais nada. Salvou-se a sacristia. (...) Qual fosse a causa do incêndio não se sabe nada de certo. Suspeita-se que era da luz electrica, devido a curto circuito. Outras suspeitas não posso indicar por não ter provas.” (LT 1, p.82).

A reconstrução da igreja já começou em 25/11/1924. As celebrações dominicais e de dias santos passaram a ser realizadas numa sala convertida em capela. A reinauguração da igreja aconteceu em 15/11/1925.

Interior da Igreja São Pedro Apóstolo depois de sua reconstrução. Foto do acervo de Luis Alberto Friedrich

Uma vez reconstruída a matriz, a comunidade começou a construir de uma nova Casa Paroquial (a atual), cuja inauguração aconteceu no dia 13 de julho de 1930.

O padre João Willibaldo Schmitz esteve à frente da paróquia entre 18/05/1924 e 31/01/1932. A partir dessa data, a paróquia passou a ser administrada pelos padres Leopoldo Marx e David Groth, com a ajuda de alguns substitutos. E, a partir de 31/03/1940, quando já estava em curso a Segunda Guerra Mundial, o pároco passou a ser o padre Reinaldo Rech.

Foi então que houve a segunda proibição do uso da língua alemã, mais rigorosa do que a primeira. Recrudescer já no começo da década de 1940. Ainda hoje, pessoas idosas lembram, com amargura, as perseguições que sofreram naquele tempo.

Em 10 de julho de 1944, o arquiteto e pintor Gildo Scaranari, contratado pela paróquia, iniciou a decoração da parte externa da Matriz, finalizando-a em 10 de fevereiro de 1945. A reforma da parte interna só pode ser feita entre 16 de maio de 1947 e 14 de agosto do mesmo ano.

No dia 12 de dezembro de 1948, o recém-ordenado Pe. Alfredo Dullius SJ celebrou sua Primeira Missa Solene na Igreja Matriz. Tratava-se da segunda ordenação sacerdotal realizada em Ivoti, uma vez que a primeira tinha sido a do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger.

O sucessor do padre Reinaldo Rech foi o Padre Luis Jacobi, que administrou a paróquia de 15/01/1956 a 29/01/1978. Nesse longo período, houve vários eventos e situações importantes, entre as quais:

a) Ordenação Sacerdotal do Pe. Lydio Schneider: “A doze de julho de 1962 no Seminário de Gravataí houve a ordenação sacerdotal do Diácono Lydio Schneider, filho de nossa paróquia.” (LT 3, p. 48) Sua Primeira Missa Solene foi no dia 22 de julho em Ivoti.

b) Antes da construção da nova Matriz, D. Vicente Scherer, Arcebispo Metropolitano, sugeriu, em 11 de abril de 1961, “aumentar o corpo da igreja em direção à sacristia, talvez com um alargamento na parte nova (...)” Entretanto, poucos anos depois, foi decidido construir uma igreja nova. As obras iniciaram no dia 11/02/1967 e já em no dia 29/03/1969 foi transportado o Santíssimo Sacramento para a nova Matriz. A partir de então, as santas missas e demais atos do culto passaram a ser celebrados na nova Matriz, embora ainda faltassem algumas obras de acabamento O prédio antigo foi então adaptado para a Escola Paroquial São José, que passou a ocupá-lo a partir de

05/05/1969.

c) A primeira campanha da fraternidade aconteceu em 15/03/1964, sendo realizada nos moldes da “Misericórdia”, entidade beneficente da Igreja na Alemanha. Seu lema era “Somos todos Igreja”.

d) O centenário da paróquia de Ivoti foi celebrado em quatro de novembro de 1967, com um vasto programa: missa campal no recinto da nova Igreja Matriz, com a presença do Arcebispo D. Vicente Scherer, o Pároco Pe. Luiz Jacobi e o Pe. Lídio Schneider, além de autoridades estaduais e municipais; leilão do padrinho e madrinha da pedra angular, sendo o padrinho. Fridolino Schneider, e madrinha Emilia Breitembach; almoço festivo e festejos durante a tarde de sábado e no domingo todo dia. Como Rainha do Centenário, foi eleita a Srta. Noêmia Silvia Enzweiler.

e) O curso de noivos (preparação para o casamento), tradicionalmente era bem diferente dos encontros realizados atualmente. O primeiro curso foi concluído em 25/05/68, com “formatura” dos noivos da matriz. Os palestrantes, além do pároco, tinham sido Maria de Lourdes Bauermann, Dr. Walter Egon Mundstock, Dr. Carlos Newton Machado Appel e Herbert Fritsch. O paraninfo foi o Sr. Neldo Holler.

f) Em 21/07/1968, para viabilizar o uso da igreja velha como escola e por questões de higiene, foi determinado o traslado dos corpos enterrados no lado norte da antiga matriz para a área do novo cemitério, dentro do prazo de um mês. Nessa ordem consta a assinatura do Dr. Carlos Newton Machado Appel, Médico chefe do Posto de Saúde, além do pároco Luís Jacobi e de membros da diretoria da comunidade.

g) A instalação da Escola Paroquial na antiga igreja aconteceu logo depois da Páscoa de 1969, com início das aulas em 05 de maio do mesmo ano.

h) Em 19/11/73, as Irmãs de Santa Catarina desistiram da Escola Paroquial. Entretanto, como o Círculo de Pais e Mestres e a Diretoria da Comunidade não se julgaram em condições de assumir a Escola, os alunos foram encaminhados para escolas públicas e para a Escola Evangélica.

i) Em 15/12/73, aconteceu a ordenação do Pe. Alirio Bervian na Matriz e, no dia seguinte, sua primeira Missa em Picada Feijão. Em período posterior, Pe. Alirio foi designado para exercer seu ministério em Altamira/PA, igreja irmã da igreja de Porto Alegre.

j) Entre o dezembro de 1977 até 29/01/1978, a paróquia ficou sem pároco: Consta no registro da Paróquia: “O ex-vigário Pe. Luís Jacobi, após 22 anos de intensos trabalhos e de vida sacerdotal em prol das almas de Ivoti, sentiu-se esgotado psicologicamente, razão pela qual retirou-se da paróquia no primeiro domingo de

dezembro de 1977.” A paróquia foi, então, atendida, em fins de semana, pelo Pe. Balduino Kipper SJ. Mesmo assim, aconteceram dois fatos importantes nesse período: reforma da Casa Canônica e ordenação sacerdotal do Pe. João Moraes (22/01/1978).

O sucessor do Pe. Jacobi foi o Pe. José Francisco Rauber. Em sua primeira administração da paróquia (pois houve uma segunda), o Pe. Rauber dedicou-se a intensas atividades pastorais, além de fazer uma campanha para angariar fundos para viabilizar a infraestrutura necessária para a criação da nova Diocese de Novo Hamburgo (outubro de 1978) e adquirir uma nova “Via Sacra” para a matriz.

O sucessor do Pe. Rauber foi o Pe. Inácio Festner, nomeado em 19/01/79. Entretanto, ele não registrou a data de sua posse nem as atividades pastorais ou obras realizadas em sua gestão.

Depois de sete anos e 08 meses à frente da paróquia, foi substituído pelo Cônego Izidoro Bruxel (14/09/1986) que foi o primeiro pároco de Ivoti nomeado pelo Bispo Dom Sinésio Bohn, da nova diocese Novo Hamburgo. Recém empossado, o Cônego Izidoro foi a Porto Alegre participar de um retiro. Nessa ausência, aconteceu o segundo incêndio da igreja velha, em 15/09/1986, deixando o prédio em ruínas. Depois de apenas três meses e meio à frente da paróquia, foi chamado por Dom Sinésio para a função de Diretor Espiritual do Seminário Maior Regional de Campo Grande.

Em 16/12/86, foi novamente nomeado pároco o Pe. José Francisco Rauber. Entretanto, por ter direito a férias, ele somente assumiu em 15/02/87. Em sua gestão, merecem destaque atividades e obras tais como:

a) Realizaram-se reformas no interior da matriz depois da Festa de São Pedro de 1987 (26/06/87), sobretudo no presbitério: construção do altar, colocação de ambões para os leitores, colocação da grande cruz doada pelos jovens de Emaús, colocação do Santíssimo no centro da igreja. Também houve a renovação do serviço de alto-falantes.

b) Planejamento e construção do atual Centro de Pastoral (11/01/1989). As obras iniciaram em 08/05/90, e a inauguração oficial da parte principal aconteceu em 08/07/90. Um ano depois (29/06/91), foi inaugurado o bolão no térreo do prédio.

c) Compra de uma área de terras contígua à propriedade da Comunidade Católica de Ivoti: 17/03/94.

Em 04/12/94, o Pe. Rauber comunicou que decidira se retirar de Ivoti a fim de trabalhar na pastoral no estado de São Paulo. Por isso, na virada do ano, fez sua

despedida da paróquia.

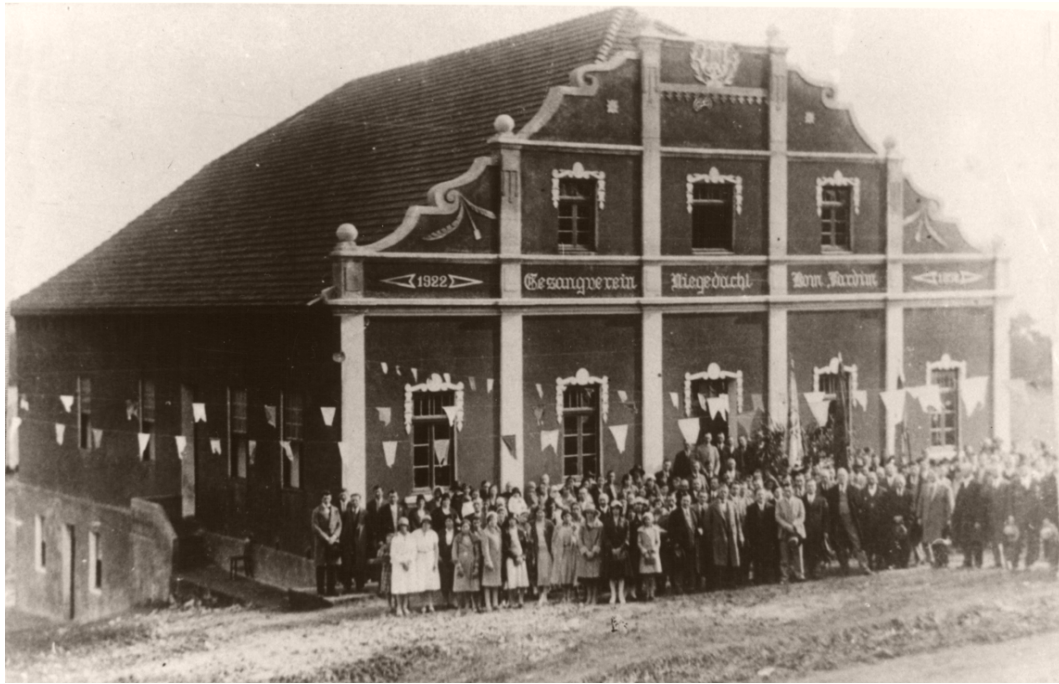
O sucessor do Pe. Rauber foi o Pe. Belmiro Campregher, que foi nomeado em 08/12/94 e assumiu em 22/01/95. Em seu curto período, iniciou-se uma reforma profunda na Casa Canônica, que exigiu a mudança da residência do padre, secretaria paroquial, etc. para o Ginásio de Esportes. Entretanto, Pe. Belmiro enfrentava problemas na comunicação por não entender alemão, língua predominante de seus paroquianos. No final de 1995, aconteceu sua transferência para o Bairro Primavera de Novo Hamburgo.

O sucessor do Pe. Belmiro foi um filho da terra, Pe. Lydio Schneider, nomeado em 12/12/95 e empossado em 06/01/96. Durante a sua gestão, aconteceu uma situação inusitada: ele e o Pastor Leandro Matte começaram a participar do Rotary Club de Ivoti. Ambos adotaram essa atitude para se integrarem melhor na sociedade.

Outros fatos relevantes desse período foram: Missa Crioula no ginásio, seguida de festa caipira, em comemoração a São Pedro e São João Batista (29/06/96, sábado à noite); bodas de diamante dos pais do Pe. Lydio (07/08/96); cedência de espaço no Centro de Pastoral para as reuniões dos Alcoólicos Anônimos (AA), a partir de 10/09/96; realização do Primeiro "Onda" na paróquia (19 de outubro de 1997) com a participação de 70 crianças; colocação de um telhado novo na igreja matriz, pintura interna e externa, calçamento lateral, estacionamento e ajardinamento.

O sucessor do Pe. Lydio foi o Pe. Romeo Schorr, que assumiu a paróquia em 07/02/98. Uma das principais metas administrativas do Pe. Romeo foi cadastrar as famílias, os bens da paróquia, unificar o caixa e as contas bancárias da matriz e das capelas. Ressalte-se, também, uma mobilização de toda a comunidade paroquial em torno da construção do Santuário das Mães (Novo Hamburgo), envolvendo casais e líderes para dar andamento a esse projeto em nível local. Além disso, por sua iniciativa do Pe. Schorr, foi decidido o retorno da festa do padroeiro São Pedro para o dia 29 de junho, que, durante anos, não era celebrada como festa comunitária. Evento importante na paróquia foi também o Jubileu de Prata do Pe. Alírio Bervian, em 13/12/98. Essa celebração religiosa e comunitária aconteceu na Picada Feijão. Pe. Alírio é missionário no estado do Pará (Xingu/Altamira).

Em 07/12/2001, acontecimento importante foi a ordenação sacerdotal do Diácono Jacó André Kunrath na matriz de Ivoti. Na celebração, participaram cinquenta padres, além do Bispo Dom Osvino Both.



Sociedade de Canto Harmonia

Em 30/11/2001, foi nomeado o Pe. Paulo Justino Bervian como sucessor do Pe. Romeo Schorr. Sua posse aconteceu em 27/01/2002. A partir dessa data até os dias de hoje, a história da paróquia ainda precisa ser pesquisada, sistematizada e redigida.

6.3. Comunidade evangélica

(Pesquisa original de Herbert Jorge Fritsch, contendo também informações pesquisadas por Ademir Rost, Wanda Dalabarba, Pronila Krug...)

Primórdios da comunidade evangélica luterana

Os luteranos, embora sua religião apenas fosse tolerada pelo governo imperial, já tinham imigrado com pequenas vantagens sobre os católicos. Desde as primeiras levadas, vieram pastores itinerantes, os quais futuramente também se dedicariam ao magistério em suas sedes.

Quanto ao desenvolvimento da comunidade luterana, merece destaque o pioneirismo da Picada 48 (baixa). O povoamento dessa localidade começou em 1827, com colonos quase exclusivamente luteranos. No começo, realizavam suas atividades religiosas nas próprias casas, mas o provimento das necessidades eclesiais era muito precário: apenas a cada trimestre passava um pastor pela região, realizando cultos e atos de ofício, tais como batizados e casamentos.

O pastor Klenze, de São Leopoldo, e o pastor Recke, de Campo Bom, foram os primeiros a se preocuparem com os colonos desta região. Entretanto, sua assistência reduzida não satisfazia as necessidades religiosas do povo. Por isso, os moradores da Picada Quarenta e Oito (baixa) criaram uma comunidade e resolveram contratar um pastor e professor.

No ano de 1845, foi criada a primeira escola da comunidade, quando um senhor de sobrenome Recke atuou como professor. Logo depois, veio o pastor Sintz, que trabalhou como pastor e professor. Foi o primeiro pastor a residir na Picada 48, morando na escola. Já no ano de 1848, uma parte dos habitantes se uniu e iniciou a construção da igreja atual (mas sem torre) com meios próprios e contribuições voluntárias.

Por outro lado, sobre a história da comunidade evangélica de Bom Jardim, existem importantes informações no livro de Registros da Igreja Evangélica, tais como: “Com a imigração alemã, vieram para Bom Jardim, em 1826, os primeiros moradores evangélicos, pois encontramos registros de batizados desta época.”

Conforme carta de 1841, dirigida por Peter Tatsch a um filho que ficara na Alemanha, antes de Bom Jardim ter sua Igreja Evangélica, ele mesmo exercia as funções de pastor em Bom Jardim. E Herta Patro, em seu livro "Ivoti um pontinho no mapa" (s/d, p. 30), informa que "O primeiro cemitério Evangélico, onde os pioneiros como os Berghan, Bühler, Tatsch descansam, localizava-se em frente à velha prefeitura (hoje CRAS)" Segundo suposições ou lembranças de antigos moradores de Ivoti, lá também teria existido uma escola e uma pequena igreja, esta destruída pelo fogo.

O Livro de Registros I da Comunidade Evangélica de Ivoti também informa: "Já em 1832, encontramos nos Registros Eclesiásticos, anotações dos pastores de Campo Bom e São Leopoldo, que aqui vieram esporadicamente para atender os colonos que aqui viviam.". Como não havia igreja os cultos eram realizados em galpões". E, conforme a mesma fonte, "Em 13 de setembro de 1846, foi inaugurada a primeira igreja construída de madeira, junto ao cemitério local. Recebeu o nome de Zionskirche (Igreja do Sião)." Além disso, no mesmo livro consta: "Esta pequena igreja (consagrada em 1846) serviu até 1870, quando foi inaugurada, em 18 de janeiro, a nova, construída de pedras de tijolos, mais próxima da estrada geral. A igreja de madeira foi destruída por um incêndio." A igreja nova manteve o nome de Zionskirche (Igreja do Sião).

As informações sobre a origem das terras da comunidade podem ser assim resumidas: (a) A área de terras inicial da comunidade, sobre a qual foram construídas as duas "Zionskirchen", foi doada informalmente por um antigo proprietário, talvez Klein ou Fuchs ou Pedro Henrique Weber. Entretanto, essa doação apenas foi regularizada em 16.01.2004, em decorrência do procedimento inventarial de Henrique Saueressig. (b) Outra extensa área de terras que integrava o lote colonial nº. 14, ao redor de onze hectares, foi adquirida pela Comunidade em 24/09/1872. Uma parte dessa área já tinha sido doada à Associação Evangélica de Ensino para a construção dos prédios da Escola Normal Evangélica (hoje IEI), cuja escrituração aconteceu em 25.06.1969. (c) Duas áreas, situadas no atual cemitério, foram adquiridas de Henrique Saueressig, uma por compra e outra por doação. (d) Duas áreas urbanas, situadas na Rua Pinto Bandeira, foram doadas por Arno Robinson e Remi Robinson para a construção da Casa Pastoral.

Por lei do Império, as igrejas que não faziam parte da religião oficial (católica), não podiam ostentar torre. Entretanto, com a proclamação da República (15/11/1889), essa lei foi revogada. Graças a isso, a Igreja do Sião (Zionskirche) de Bom Jardim pode construir sua torre. Depois de dez anos de liberdade (1899), aconteceu a inauguração da primeira torre de folha de zinco em cima do telhado da igreja evangélica de Bom Jardim.

Inauguração da 1ª torre de folha de zinco da Igreja Evangélica “Sião” de Bom Jardim, sob a direção do pastor Kreutzer, em-1899. – Foto de Herta Sporket Patro.

No entanto, por causa de sua fragilidade, essa torre, em 1922, foi substituída por outra mais sólida, construída em alvenaria na parte frontal do templo. Mas, apesar de sua beleza e suntuosidade, foi demolida décadas depois. Conta-se que apresentava problemas estruturais.

2ª “Zionskirche”: Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Ivoti.

Em grande parte, a evolução da Comunidade Evangélica de Bom Jardim está documentada em seus Livros de Registros. O primeiro (I), iniciado pelo Pastor Johann Peter Christian Haesbert, abrange o período compreendido entre 1845 e 1914. Com base nas informações nele contidas, pode-se afirmar que o atendimento espiritual da comunidade esteve sob as seguintes responsabilidades: a partir de 24.06.1877, a cargo do pastor Carl Friedrich Wegel; a partir de 03.02.1894, a cargo do pastor Paul Wilhelm Ludwig Sudhaus; a partir de cargo do pastor Wilhelm Richard Kreutzer; a partir de 23.09.1906, a cargo do pastor Theophil Dietschi; e de 21.04.1912 em diante, a cargo do pastor Julius Sporket.

Todavia, nenhum desses pastores residia em Bom Jardim (Ivoti). O pastor Haesbert, que residia em Hamburgo Velho, atendeu a Comunidade de Bom Jardim até 1873. De 1874, em diante, os Pastores de Picada 48 Baixa passaram a realizar esse atendimento. Foram eles: Karl Friedrich Wegel, Paul Sudhaus, Wilhelm Richard Kreutzer, Theophil Dietschi, Julius Sporket, Emil Albert Gottfried Ganz, Theodor Johannes Emil Schüller, A. Jahn, Christian Selling, Erich Probst, Unterbäumer, Diercks, Ulrich Hees e Rudolf Johannes Wulfhorst.

Cabe-nos ressaltar que atividades administrativas e litúrgicas também eram exercidas por professores. Conforme o Livro de Registros I (tradução de Wanda Dalla Barba), a partir de 14.11.1882, as anotações da Comunidade Evangélica de Bom Jardim (Ivoti) ficaram a cargo do professor Julius Mäder; a partir de 14.01.1896, do prof. Friedrich Küchle; a partir de 30.07.1900, do sacristão Johannes Baumann; e de 10/12/1903 em diante, do prof. Friedrich Wilhelm August Taegtow, até o encerramento do livro. Esses professores, ocasionalmente, também oficiavam batismos de emergência, além de enterros, no lugar dos pastores.

Com o passar dos anos, a primeira igreja de alvenaria (Igreja São) tornou-se pequena. Por isso, de acordo com a Ata de 21.09.1958, os membros da Comunidade aprovaram a construção de uma nova igreja. Quase quatro anos depois (Ata de 29.04.1962), seria apresentada a planta baixa do novo templo, cuja construção deveria ser feita em novo local.

A partir de então, houve uma série de promoções e outras atividades no sentido de conseguir recursos até a finalização da construção. De acordo com a Ata solene de consagração do Novo Templo denominado "Trindade", a inauguração ocorreu em 16.11.1969. Na ocasião, o Pastor Rudolf Johannes Wulfhorst, primeiro pastor da Igreja Trindade, agradeceu a todas as pessoas e entidades que colaboraram nesse empreendimento. A seguir, convidou o Rev. Pastor Buchweitz, Pároco de Novo Hamburgo e representante da Região 4 da IECLB, para procedesr a consagração do novo templo.

O sucessor do pastor Wulfhorst foi o Pastor Martin Reusch, cujo exercício ainda está mencionado na Ata de 08 de março de 1973. Porém, na Ata de 30.11.1974, já consta o nome de Rosalvo Dalla Barba como sucessor do pastor anterior. Foi apenas nesse período que houve a criação oficial da paróquia de Ivoti. Ou seja, na Ata 02/78 de 06.09.1978 do presbitério, consta que, de acordo com a decisão em reunião do último Conselho Paroquial, os Caixas da Comunidade Evangélica Trindade e da Paróquia Picada 48 deveriam ser elaboradas separadamente a partir de janeiro de 1979. Isso significa que, a partir dessa data, surgiu a paróquia de Ivoti.

Dalla Barba, portanto, foi o primeiro pastor da nova paróquia, exercendo suas atividades até 04.07.1988. Na Ata 05/88, consta o seu pedido de afastamento como pastor, em função de sua candidatura a um cargo eletivo municipal. Seu sucessor foi o pastor Volkmann, então professor da Escola Normal Evangélica. Este, por sua vez, foi sucedido pelo pastor Egon Wutzke, que exerceu o pastorado desde março de 1989 até o segundo semestre de 1994. O sucessor de Wutzke foi o pastor Leandro Matte, que iniciou suas atividades pastorais em outubro de 1995 e as encerrou em agosto de 2002. Foi então que o pastor Daniel Damann assumiu a Comunidade Evangélica de Ivoti, ficando até sua saída em setembro de 2008.

Para preencher provisoriamente a vaga deixada por Damann, assumiram interinamente as funções comunitárias o pastor Donário Bencke e a pastora Marli Brun, ambos do Instituto de Educação Ivoti, até a vinda do pastor, Vanderlei Closs, em março de 2009. Na ausência ou impedimento do pastor comunitário, essa função continua sendo exercida, em especial, pelo pastor Bencke, mas também pela pastora Marli Brun.

Vários outros pastores, catequistas e estagiários, missionários leigos e teólogos oriundos do Movimento Encontrão exerceram e exercem, esporadicamente, atividades litúrgicas na Comunidade da IECLB de Ivoti. Entre eles, cabe lembrar o pastor Götz e sua esposa, também pastora. Ela era alemã e ele brasileiro, situação que os levou a morar na Alemanha. Cabe lembrar também que os pastores do Instituto de Educação Ivoti colaboraram e continuam colaborando com atividades pastorais na Comunidade. O pastor Carlito Gerber ainda hoje ministra cultos especiais na Comunidade com a

participação do coral e orquestra do IEI.

A Igreja Evangélica Luterana no Brasil também passou por dificuldades. Conforme Malschitzky (2010, p. 13) “A entrada do Brasil na II Guerra Mundial, contra a Alemanha, interrompeu a ida de brasileiros para estudar. Como muitos Pastores alemães das nossas Comunidades estiveram presos ou proibidos de falar, os jovens estudantes foram enviados para assumir os seus lugares. Não interessava de que Sínodo o estudante havia vindo e nem a que Sínodo pertencia a Comunidade sem Pastor”

Sobre a fundação da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), Droste , declara: “Em maio de 1950, realizou-se o Primeiro Concílio Eclesiástico da IECLB: Antes, em reunião ocorrida em 26 e 27 de outubro de 1949, um Conselho Provisório da União havia constatado a aprovação da ‘Ordem Básica’ (estatuto) da Federação Sinodal (IECLB) pelos quatro Sínodos em suas respectivas Assembleias Sinodais. Realizavam, assim, o desejo de formar uma só Igreja. A rigor, esse desejo existia desde o começo da era sinodal (1886): Como corpo jurídico, a IECLB existe, mas como igreja, ela existe desde 1824, quando surgiram suas primeiras Comunidades.”

7. Sociedades de Cultura e lazer

7.1 Sociedade Atiradores de Bom Jardim

(Pesquisa original: Hermedo Egídio Wagner)

A Sociedade Atiradores de Bom Jardim foi fundada em 18/04/1893. Conforme o artigo 1º dos “Statuten”, seu objetivo era “organizar o Tiro ao Alvo, preservar a cultura alemã, bem como manter a união e boas relações entre os sócios e suas famílias, proporcionar e desenvolver um sadio entretenimento social: ajudar os associados nas suas dificuldades em momentos difíceis”.

Não causa estranheza, portanto, que “nas dificuldades em momentos difíceis” pudessem estar previstas situações extremas. Ou seja, no século XIX e início do século XX, as comunidades dos imigrantes alemães estavam expostas a constantes ataques de índios e de movimentos político-sociais (revoluções). Nessas situações, os componentes das sociedades de tiro ao alvo, algumas vezes, exerciam também funções de defesa da comunidade.

Schlitz (1897), em seus relatos, fala de iniciativas e experiências relacionadas à defesa do distrito de Bom Jardim e arredores no tempo da Revolução Federalista (Guerra dos Maragatos) e afirma que essas iniciativas de autodefesa ajudaram na fundação de sociedades de proteção como os Schutzvereine (Sociedades de autoproteção).

Sociedade Atiradores de Bom Jardim em 1911 – Sentados, da esquerda para a direita: Pedro Klein Sobrinho (atrás das armas); Jacob Adamy, duas pessoas não identificadas, Professor Alfredo Gerhardt e pessoa não identificada. Na 2ª fila (do meio), bem no centro, José Gerhardt (dentista, irmão de Alfredo). Bem à direita, a roda do alvo. Foto original de Dalila Klein Holdefer, cedida por Heyde Fritsch.

Embora a organização dessa sociedade fosse semelhante a outras sociedades recreativas e culturais, nela havia uma diferença, pois seu foco era o tiro ao alvo. Por isso, na constituição de sua diretoria, além do presidente, secretário e tesoureiro, havia um comandante e um guarda-armas.

Em setembro de 1908, ano em que foram impressos os Estatutos da Sociedade de Atiradores de Bom Jardim, a diretoria era assim constituída: Presidente, Christian Möbus; Comandante, Friedrich Taegtow; Secretário, Heinrich Ludwig; Tesoureiro,

Nikolau Fick; e Guarda-Armaz, Wilhelm Holler. (Statuten, 1908).

Relatos de pessoas idosas lembram que, por volta de 1935, quando Bom Jardim era 3º distrito de São Leopoldo, a Sociedade Atiradores realizava bailes, tiro ao alvo e promovia jogos de bolão. Aos domingos à tarde, acontecia a matiné (Kränschen) para a juventude, sempre mediante o acompanhamento dos pais. Além das competições na Sociedade local, havia também campeonatos com atiradores de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Nova Petrópolis, Campo Bom e com a Sociedade 25 de Julho de Porto Alegre.

A Festa do Tiro era um evento anual. O atirador que fazia o maior número de pontos era coroado Rei do Tiro. O segundo e o terceiro eram coroados Cavalheiros; e suas esposas, respectivamente, Rainha e Damas. Durante a festa, outras atividades paralelas aconteciam: enquanto os atiradores demonstravam as suas qualidades, outros aproveitavam para jogar cartas ou bolão.

Em 1899, o gaúcho Antônio Carlos Lopes, inspirado no modelo do serviço militar da Suíça, fundou o Tiro Nacional no Rio Grande do Sul. E, em seguida, o Ministro da Guerra, determinou a construção de inúmeras linhas de Tiro em todo território nacional com a finalidade de incrementar a prática do Tiro ao Alvo e a instrução militar do Exército Brasileiro. Conforme o Decreto No. 2067, de 07 de janeiro de 1909, o Exército Brasileiro regulamentou a filiação dos “atiradores” à Confederação, bem como a cessão das linhas de tiro e estandes para as provas constantes dos calendários das sociedades. Nesse sentido, as Sociedades de Tiro ao Alvo contribuíram, na prática, para o surgimento dos Tiros de Guerra que tão grandes serviços têm prestado a várias gerações no século XX.

Aos poucos, os eventos da Sociedade Atiradores de Bom Jardim foram diminuindo e, conseqüentemente, a participação dos sócios se tornou cada vez menor. A sua extinção “de fato”, embora não “de direito”, deve ter acontecido na década de 1960. Com a sua decadência, a Prefeitura assumiu a propriedade, constituída de prédios e de uma área de terras de . Entretanto, somente em 19 de maio de 1989, esses bens imóveis foram declarados de utilidade pública, nos termos do Decreto Municipal número 021/89.

Em conseqüência desses encaminhamentos, a Prefeitura Municipal de Ivoti, em 12 de julho de 1989, tomou posse de uma área de terras com situada nas quadras nº. 20, 170 e 175 do Plano Diretor da cidade, e das benfeitorias construídas sobre a referida área de propriedade da Sociedade de Atiradores, de acordo com o Mandado de Posse constante nos autos do processo nº. 8704

O valor da desapropriação, conforme os Estatutos da Sociedade de Atiradores de Ivoti, foi destinado a uma entidade humanitária, qual seja, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE – Ivoti.

7.2 Sociedade Atiradores de Picada 48 Baixa

(Pesquisa original: Pronila Krug)

Foi o convívio social oportunizado pelo esporte que impulsionou a criação da Sociedade Atiradores de Picada 48 Baixa. A principal motivação talvez tenha sido a disputa do Rei do Tiro, o que determinou a adoção do nome. Não tardou, porém, que essa sociedade tivesse também seu local para bailes, jogos de carta e, mais tarde, bolão.

A sua fundação realizou-se em vários momentos: Em 11 de agosto de 1901, reuniram-se diversas pessoas interessadas em esportes, entre os quais o tiro ao alvo. Na ocasião, realizaram-se algumas competições nas terras de Pedro Klein. Entretanto, o primeiro estande de tiro ao alvo foi erguido nas terras de Pedro Moebus.

A primeira sede da sociedade foi construída em 1916. No entanto, em 1926, essa sede foi demolida, dando lugar ao prédio atual, já com pista de dança. Os primeiros estatutos da “Deutscher Brasilianischer Schützenverein Picada 48” foram registrados em 25 de janeiro de 1925.

As primeiras bandeiras foram confeccionadas na própria comunidade. Somente em 07 de janeiro de 1968, foi adquirida uma bandeira confeccionada industrialmente em Novo Hamburgo.

Nas comunidades de origem germânica, as bandeiras das sociedades eram objetos de grande respeito, sendo o seu maior símbolo. Em decorrência disso, a função de porta-estandarte era revestido de elevada honra e requeria conduta irreprimível para sua investidura.

Às bandeiras cabia guiar os desfiles festivos e os séquitos fúnebres. Nas ocasiões festivas, o porta-estandarte e membros da diretoria davam as boas-vindas às entidades congêneres visitantes, recepcionando-as a algumas centenas de metros do local. Depois as duas bandeiras marchavam juntas até a sede. Já nos séquitos fúnebres, o féretro (em carreta ou veículo motorizado) seguia até a sede da Sociedade onde era realizada uma breve cerimônia civil homenageando o membro falecido.

As reuniões da diretoria aconteciam uma vez por mês. Quando era avaliada a admissão de um novo sócio, era lavrada uma “ata de ballotagem”, registrando-se

quantos votos a favor e quantos contra recebia cada candidato. Para ser admitido, o cidadão deveria receber dois terços dos votos dos associados presentes nas assembleias ordinárias ou extraordinárias.

Outros eventos da sociedade eram os bailes: as pessoas se dirigiam para o salão a pé ou em carreta de bois, percorrendo consideráveis distâncias sob quaisquer condições de tempo. No salão, além do palco para os músicos, havia outro palco bem alto, no lado oposto, ladeado por duas escadas e dois quartos para as crianças. Ali, as mães, além de observar o andamento do baile, enchiam as camas com seus filhos pequenos. Às vezes, por falta de espaço, algumas mães ficavam com seus bebês no colo. Era costume todos levarem os filhos ao baile.

O baile começava logo após o pôr do sol, por volta das 20 horas, e se prolongava até o pessoal se retirar. Na abertura se tocava e dançava a “Polonaise”, a qual era seguida por uma valsa. A música não era contínua, havendo constantes intervalos para o descanso dos músicos. Às vezes, eram introduzidas e tocadas “valsas ou marcas de dama”, quando cabia a elas escolherem o seu par. Em tempos mais antigos, quando a bandinha descansava, os presentes cantavam músicas para relembrar a saudosa pátria de origem.

Havia muito respeito para iniciar um namoro. Primeiro, o rapaz tinha que pedir permissão ao pai da moça para dançar com ela. Se ela não queria namoro, voltava para junto de seus familiares logo depois da dança. Para ser autorizado a dançar, o rapaz devia estar de terno e gravata, e já tinha que ter feito a sua confirmação religiosa.

Também para os bailes de fundação e bailes de tiro ao alvo, os sócios só eram admitidos de terno, gravata e camisa social. Não era permitida a entrada de negros. Por longos anos, a sociedade nem precisava se preocupar com essa proibição, pois, na Picada, havia apenas um ex-escravo negro, que morava com a família de Albino Schaefer, proprietária de outro salão de baile, armazém e açougue.

Nos bailes, sempre havia comida farta, tipicamente alemã, que era servida em grandes mesas afastadas da pista de dança. Quando uma jovem aceitava o convite para “ir à mesa”, isso significava o início formal de um namoro, mesmo que breve.

Espetáculo a parte eram os bailes de Kerb, quando a maioria usava roupa nova e sapato novo. Para esse baile, já acontecia um “prelúdio” em domingo de manhã.

A Sociedade Atiradores sempre reuniu pessoas de diversos municípios vizinhos, e ainda hoje mantém o baile do Rei do Tiro, o baile do Rei do Bolão, o baile de Kerb e o baile da Fundação.

A foto abaixo registra um dos grandes eventos realizados pela sociedade na década de 1930.

Inauguração da bandeira da Sociedade Atiradores de Picada 48 Baixa. A placa, na fachada do prédio, contém os dizeres: “Banco Alemão Transatlântico”. – Foto fornecida por Herta Sporket Patro.

7.3 Sociedade Concórdia

Observação: O projeto de pesquisa referente à história da Sociedade Concórdia não “deslanchou”. Mário Klassmann (Porto Alegre), professor aposentado pela UFRGS, chegou a estudar atas antigas, lavradas em alemão gótico, transcrevendo-as para letras latinas e/ou traduzindo-as para o português. No entanto, por razões ainda desconhecidas, esse material não foi buscado em Porto Alegre, na residência do idoso professor. Assim, a pesquisa acabou ficando na estaca zero.

7.4 Sociedade de Canto Harmonia

(Pesquisa original: Vera Koch Schneider)

Aspectos históricos

Consta que a Sociedade de Canto Harmonia nasceu da rivalidade (discórdia) entre membros da Sociedade Concórdia. Esse fato fez com que um grupo se retirasse e fundasse uma nova sociedade. Nasceu assim o Coral Misto Bom Jardim, fundado em 11 de fevereiro de 1920 por 26 pessoas, na sala do senhor Wilhelm Dietrich, endereço onde hoje fica o mercado Kern. Os primeiros sócios foram: Rudolf Trein, Olga Trein, Marta Trein, Katharina Geib, Peter Geib, Peter Prass, Julius Koch, Lydia Koch, Wilhelm Dietrich, Karoline Dietrich, Jacob Gewehr, Wilma Gewehr, Lydia Gewehr, Theodor Dietrich, Pauline Dietrich, Hilda Dietrich, Carlos Dietrich, Jacob Gernhardt, Wilhelm Gernhardt, Adolf Zimmermann, Malina Zimmermann, Albert Goedtel, Theobald Hoch, Peter Dhein, Marta Dhein e Juliana Juchem.

O primeiro presidente foi o Sr. Rudolph Trein, e o primeiro dirigente do coral, o Sr. Peter Geib. Tudo girava em torno do Coral Misto. A diretoria ficou encarregada de elaborar os estatutos. Novos membros eram admitidos mediante “balotagem” (ballotieren: decidir por voto secreto): o nome do pretendente ficava exposto num quadro negro durante trinta dias. Na primeira reunião posterior, os antigos sócios faziam votação para admitir o novo membro. Mesmo que o pretendente a sócio fosse muito bom candidato, uma ou duas pessoas, propositadamente, votavam contra, como sinal de alerta.

As filhas dos associados eram consideradas sócias enquanto solteiras. E, em caso de luto, o respectivo sócio ficava isento da anuidade por um ano.

No dia 09 de março de 1930, os associados e a diretoria reuniram-se com o objetivo de confeccionar uma bandeira e constituir um novo nome para o Coral Misto Bom Jardim. O nome escolhido foi Niegedacht (nunca pensado), nome que significava que os sócios haviam feito uma conquista antes “nunca pensada”.

No dia 22 de fevereiro, em Assembleia Extraordinária, constituiu-se uma comissão de construção da sede própria, composta pelos senhores Wilhelm Dietrich, Carlos Mentz, Balduino Diefenthaler, Peter Prass, Wilhelm Holler e Erni Nienow. Na mesma reunião,

foi aberta uma lista para trabalho voluntário e para doações.

O terreno foi comprado do Sr. José Führ por quatro contos de reis. Para a construção do prédio, a Sociedade conseguiu um empréstimo do Sr. Balduino Diefenthaler, no valor de quarenta e quatro contos de reis. Foram feitas doações em dinheiro por sócios e realizados trabalhos voluntários. Peter Leuck doou dez mil reis para ser sócio honorário.

O Sr. João Dilly, pedreiro, comandou a construção da sede social. As pedras de arenito do alicerce foram retiradas na pedreira de José Führ. As paredes foram levantadas com tijolos de barro vindos da Olaria de Carlos Schneck. O responsável pelos letreiros foi Norberto Dilly, e a estrutura do telhado foi feita por Carlos Mentz.

O estilo arquitetônico do prédio pode ser caracterizado como eclético com frontão de grande altura com elementos ornamentais. A cobertura é de duas águas, com aproveitamento do sótão.

O custo final do prédio, somado ao do terreno, atingiu aproximadamente sessenta e seis contos de reis. O dinheiro emprestado de Balduino Diefenthaler foi sendo devolvido gradualmente, com o lucro dos bailes. Quando estes davam pouco lucro, os juros não eram pagos.

A inauguração da nova sede ocorreu no dia 08 de maio de 1932, com a presença de doze corais da região. Os sócios não tinham imaginado que conseguiriam construir uma sede social em tão pouco tempo. Assim, o nome “Niededacht” (nunca pensado) passou a representar um sonho que se tornou realidade.

Sociedade de Canto Harmonia na inauguração de sua sede, em 1932 – Foto cedida por Vera Regina Koch Schneider.

Durante a Segunda Guerra, as atividades sociais e culturais ficaram prejudicadas, isso porque foram proibidas as apresentações em língua alemã, atingindo os corais e as bandas que cantavam e tocavam músicas em alemão. O letreiro com a inscrição “Niededacht” foi retirado e substituído por “Sociedade Harmonia”. Por causa das restrições durante a guerra, os bailes tiveram que ser suspensos. Além disso, as atas, até então lavradas em manuscrito gótico com linguagem próxima ao alemão falado (Hunsrück), passaram a ser escritas em português.

Em 1946, o Sr. Nicolau Fridolino Kunrath tentou reorganizar o Coral. Entretanto, encontrou muitas dificuldades. Os hinários não tinham sido adaptados à nova realidade, pois continuavam em alemão, e muitos já não dominavam mais essa língua.. Com isso, o Coral acabou se extinguindo.

Em 13 de maio de 1987, foi lançada a campanha da Sede Campestre nas terras adquiridas do Sr. Alberto Becker, além da Rua Castro Alves. Trata-se de uma extensa área de lazer, onde foram construídas churrasqueiras, piscinas, galpão, um mini zoológico, canchas de bocha e quadras de esporte, além da preservação de espaços com árvores nativas.

Em 1988, foi alterada a denominação social da Sociedade Harmonia para Sociedade de Canto Harmonia, retomando sua origem histórica. E, com o correr do tempo, a sociedade foi crescendo em número de sócios, tanto que conseguiu ampliar significativamente o seu patrimônio.

Usos e costumes históricos

As mães – ou, na sua impossibilidade, outras senhoras responsáveis – acompanhavam suas filhas moças ao baile. Não era de bom tom elas irem desacompanhadas. No salão, havia um lugar próprio para essas mães: um lugar mais alto, uma espécie de palco, de onde pudessem observar melhor o que acontecia na pista de dança. Também havia um quartinho com camas para as crianças dormirem, pois o costume era levar toda a família ao baile.

Normalmente, eram confeccionadas roupas novas para o Kerb. No inverno, as moças e senhoras usavam meias compridas, vestidos mais leves e casacos compridos de lã. As joias eram de ouro, sendo usadas em bailes, cultos e festas. Os ternos eram de casimira e linho, nas cores azul marinho, marrom, preto e branco. As gravatas combinavam com o terno, e o chapéu era um acessório importante. As camisas eram brancas e de colarinho engomado. Os homens que não vinham aos bailes de terno e gravata não podiam dançar.

O coral da Sociedade era de quatro vozes. Todos os bailes iniciavam com apresentações de corais. Os corais convidados cantavam uma ou duas músicas no início, conforme combinado (todas as Sociedades tinham corais). Nos enterros de associados, o coral cantava músicas fúnebres e levava uma bandeira preta.

Os bailes para os jovens eram realizados aos domingos; e, para os casados, aos sábados, em datas especiais (Kerb, Natal e Páscoa). Os bailes dos sócios eram exclusivamente para os sócios.

As moças ou mulheres convidadas para dançar tinham que acompanhar a dança pelo menos por uma música; ambos, rapaz ou moça, podiam agradecer pela dança.

Os forasteiros convidados pagavam além de entrada, o direito de dança. Os sócios pagavam somente para dançar. Isso era feito por um representante da banda, que colocava uma fita na lapela do casaco como sinal de pagamento. O baile durava o

tempo que se pagava para a banda tocar.

No período da quaresma era proibido realizar bailes e, até mesmo, ouvir músicas profanas.

Aos domingos, a sociedade era ponto de encontro para os homens, enquanto as mulheres ficavam em casa. A sociedade abria apenas aos sábados e domingos para o tradicional Schafkopf (um tipo de carteadado), que iniciava por volta das 15 ou 16 horas.

Um costume interessante era o baile de chita. As moças faziam um vestido de chita e bordavam um lencinho do mesmo tecido com seu nome. Na entrada do baile, esse lencinho era depositado numa caixa. Os cavalheiros que iam ao baile retiravam um lencinho, escolhendo, dessa forma, sua parceira para a dança. Misturavam-se senhoras de mais idade com jovens garotões e vice-versa.

Outro costume da época eram os Bailes de Damas, nos quais se invertiam os papéis tradicionais: as moças convidavam os rapazes para dançar e pagavam bebidas para eles.

Aos bagunceiros dos bailes, a primeira advertência era um bilhete no bolso do casaco. A segunda era o convite para se retirar do baile.

De vez em quando, ocorriam matinês aos domingos, que eram realizados entre 13 e 18 horas. As moças, então, podiam dançar entre si.

Somente a partir da década de 1960, foi introduzida a cobrança de mesas nos bailes. E, na década de 1970, os bailes passaram a ser entre as 23h e 4h. Entretanto, os bailes de Kerb da Sociedade iniciavam mais cedo e eram abrilhantados por conjuntos famosos. A banda recebia os frequentadores do baile na rua ou na entrada do salão.

Entre 1968-1988, houve diversos bailes de Chopp, para os quais a entrada era a compra de um caneco de chopp, que dava direito ao consumo dessa bebida à vontade.

Concluindo: objetivo desta pesquisa restringiu-se a registrar um pouco da história e dos costumes antigos da Sociedade de Canto Harmonia que, durante seus quase noventa anos de existência, muitos benefícios sociais e culturais trouxe para a população local.

8. Desenvolvimento econômico e cultural

Desde a sua ocupação por imigrantes germânicos até a criação do distrito, Bom Jardim passou por vários estágios de desenvolvimento econômico. Inicialmente, praticavam-se atividades agropecuárias e serviços artesanais para consumo e sobrevivência familiar. No entanto, merece registro o espírito comunitário, pois a solidariedade entre vizinhos era marcante. Em casos de acidentes, doenças, incêndios, desgraças, costumava-se fazer mutirões para socorrer os necessitados. Procedimentos idênticos também eram adotados para orientar parentes e vizinhos no cultivo agrícola, manejo de animais, confecção de vestuários e outras atividades artesanais. Aos poucos, porém, começaram a ser produzidos excedentes, facilitando, por um lado, a venda de produtos agrícolas, artesanais/ industriais, serviços especializados; por outro, a compra dessa produção e de mercadorias diversificadas por moradores locais e comerciantes.

Foi nesse contexto que surgiram pequenos e rudimentares estabelecimentos comerciais, industriais e de prestação de serviços. Assim foi surgindo o povoado de Bom Jardim e o das Quarenta e Oito Colônias (Feitoria Nova), em cujas sedes se concentravam, além das escolas e capelas, as principais atividades econômicas não agropecuárias. Por iniciativa de comerciantes, em suas “vendas”, quando o espaço permitia, realizavam-se esporadicamente matinés em domingos à tarde, e bailes à noite. Foi também nesses locais que nasceram as primeiras sociedades de cultura e lazer, entre as quais as sociedades de canto, de atiradores, de esporte (bolão, futebol)...

Sobre as atividades econômicas no distrito de Bom Jardim do século XIX, é difícil de encontrar fontes escritas. No entanto, algumas informações foram e ainda são transmitidas oralmente. Para enriquecer as apresentadas nos parágrafos anteriores, seria necessário coletar e escrever memórias de voluntários, fazendo, porém, uma triagem daquelas que tem valor histórico. Fica aqui o desafio para tais pesquisas.

A mesma carência não pode ser aplicada ao século XX, quando já havia pesquisadores que registravam alguns dados sobre a situação e o desenvolvimento geral do distrito. Essa tarefa foi executada por historiadores da década de 1920, citados por Ademir Rost em sua pesquisa “Bom Jardim depois de cem anos”. Certamente, diversas informações registradas nessa pesquisa se referem também à década anterior e posterior, já que estabelecimentos dos tipos mencionados tinham

longa duração. Vejamos o que consta na pesquisa de Rost. Os pontilhados entre parênteses indicam cortes do texto original.

Bom Jardim depois de cem anos

Ademir Rost

Nas duas primeiras décadas do século XX, o distrito de Bom Jardim se destacava em vários aspectos: tinha uma considerável extensão territorial, pois, no sul, ainda incluía Estância Velha e, no norte, se estendia até os limites das linhas Imperial e Olinda. E em 1924, com a criação do distrito de Joaneta, Bom Jardim perdeu grande parte de seu território: (.....) São Jacó, Harmonia e outras localidades. (.....)

Em 1920, Bom Jardim contava com 7.450 habitantes e um total de 917 prédios.

(.....)

(...) em 1923, pela reorganização do sistema eleitoral decorrente do Pacto da Paz que encerrou a revolução contra a ditadura de Borges de Medeiros, Bom Jardim somava apenas 539 eleitores.

Nessa época Bom Jardim já contava com os benefícios da iluminação pública, que consistia em vinte lâmpadas de 50w. (.....) Em 1939, portanto, quase vinte anos depois, apenas 78 moradias de Bom Jardim utilizavam a energia elétrica fornecida pela Usina da Cascata; também havia 11 consumidores de força.

No início dos anos vinte circulavam pelas estradas 09 veículos, sendo 06 particulares e 03 de praça. Havia ainda 19 carrinhos não especificados, 190 carretas particulares, 06 de frete, onze de hortaliças e mais 04 carroças particulares.

O levantamento das atividades econômicas do início da década de 1920 revela dados que demonstram a operosidade dos moradores de Bom Jardim e Picada 48.

Parece exagerado o número de proprietários de atafonas apresentado por Leopoldo Petry. Eis a relação de Bom Jardim: Albino Teodoro Hoch, Albino Schneider, Bento Ferraz de Abreu, Carlos Marmit, Guilherme Führ, Guilherme Cassel, Henrique Teodoro Biehl, João Jacob Krug S°, João Pohren, João Goetz, João Dietrich de Oliveira, João Edmundo Mattes e Cia, João Schmitzhaus, Jorge Pilger, Jorge Herrmann, Jorge Kley, Jacob Weirich F°, Jacob Balduino Müller, Leopoldo Kunz, Linaldo Mauhs, Laurindo R. da Silva, Pedro Moebus, Pedro Pilgert, Pedro Ferraz de Abreu, Roberto Dietrich, viúva Bárbara Rech, viúva Simão Reis da Silva. Na Picada 48 possuíam atafonas: Alberto Kappes, Balduino Pilgert, Carlos Drumm, Carlos Frederico Petry, Emilio Metz, Frederico Klein S°, Frederico Albino Pilger, Guilherme Metz S°, Guilherme Exner, João José Rill, João Jorge Gaelzer, Henrique Bauermann,

Guilherme Jung e Guilherme Ellwanger.

Exerceram o ofício de alfaiates em Bom Jardim: Albino Dullius, Felipe Senger, Oscar Becker e Reinaldo Enzweiler; e na Picada 48, João Robinson.

Os açougueiros de Bom Jardim eram Balduino Diefenthaeler, Guilherme Rübenich, Pedro Kuhn e Pedro Herrmann F°. Na Picada 48, encontramos Balduino Kehl e Edvino Schaeffer, além de Cristiano Kuhn, na Picada Capivara.

Frederico Leuck produzia conservas em Bom Jardim. E os alambiqueiros eram os seguintes: Adolfo Schallenberger, Carlos Klein F°, Carlos Koch, Guilherme Hoch, Jorge Mattje e Teobaldo Dietrich. Na Picada 48, os produtores de cachaça eram: Cristiano Weber, Cristiano Sander, Guilherme Kunzler e Pedro Ostjen.

Os salões de baile que funcionam em Bom Jardim pertenciam a Albino Nabinger, Frederico Ott e Cia, Felipe Senger, Guilherme Dietrich, Guilherme Holler, Pedro Dilly e Pedro Klein. Na Picada 48, Balduino Musskopf, Frederico Petry, João Eweling e a viúva de Henrique Schaefer promoviam eventos bailantes.

Os barbeiros ativos em Bom Jardim eram Albino Koch, Alfredo Kern, Guilherme Holler, Jacob Ternes e Leopoldo Klein.

Pelo Banco Nacional do Comércio respondia Alfredo Guilherme Gerhardt; e os interesses do Banco Portoalegrense eram representados por João Schneider. Na Picada 48, Henrique Nicolau Ludwig agenciava os negócios do Banco Pelotense.

Quem buscava um botequim tinha opções nos estabelecimentos de Albino Nabinger, Frederico Otto e Cia, Felipe Senger, Guilherme Dietrich, Pedro Dilly, Jacob Schneck, além da Sociedade União. Mas, quando havia compras a fazer em comércio de secos e molhados em Bom Jardim, as mercadorias eram fornecidas por Augusto Bauermann, Augusto Weber, João Engelmann, Jacob Müller, Jacob Klauck e Paulo Klein. A Picada 48 contava com os comerciantes Balduino Musskopf, João Schneider, João Eweling, Nicolau Ludwig, Pedro Herrmann F°, viúva de Henrique Schaefer.

Os estabelecimentos que faziam o comércio, o preparo do couro e seus derivados se subdividiam em selarias, cujos proprietários, em Bom Jardim, eram Albino Cassel S° e Jacob Spohr; curtumes, administrados por Bender e Schuck, Carlos Adolfo Sauer, Evaldo Bruno Mattes e Henrique Lamb; uma sapataria de João Dillenburg. Na Picada 48, encontramos o curtume de Albino Kern, as selarias de Albino Leopoldo Bühler e Guilherme Holler, além da sapataria de Francisco Heimer.

Na época do centenário da independência do Brasil, Bom Jardim tinha dois dentistas: Carlos Sperb F° e José Gerhardt, enquanto que, na Picada 48, outros dois aliviavam os problemas dentários, a saber, Leopoldo Juchem e Eugenio Emanuel Zluhan.

A funilaria de Bom Jardim pertencia a Ernesto Fensterseifer, e a da Picada Henrique Ludwig. Os serviços de ferraria eram executados por Carlos Juchem e Henrique Müller, em Bom Jardim; Luis Dietrich e Guilherme Diesel, na Picada 48.

Os responsáveis pelo fabrico de móveis, serviços de marcenaria e carpintaria de Bom Jardim eram então Arthur C. Ritter, Carlos Jacob Metz, Emilio Henkel, Carlos Reinaldo Hoch, Otto Dienstmann e Pedro Holler. Na Picada 48, havia Felipe Fröhlich S°, Henrique Becker, Jacob Thomé e Luis Dietrich.

Naquela época, Bom Jardim tinha três fabricantes de vinho: Cristiano Möbus, Frederico Dilly e Rudolfo Trein. Já Carlos Henrich produzia gasosas.

Como naquele tempo era costume que cada família produzisse arroz para consumo próprio, havia os descascadores junto aos moinhos de farinha. Em Bom Jardim, dedicavam-se a essa atividade: Carlos Schneck, João Atz e José Hoffmann. Na Picada 48, João Thörök e Augusto Gernhardt, o qual também possuía prensas para a extração de azeite. Na Picada Capivara, o moinheiro era Adolfo Gehm.

Na área de alimentos, destacou-se também Felipe Senger que tinha uma padaria junto ao seu comércio.

Telhas e objetos de barro eram fabricados por Alberto Ludovico Kern, que era também proprietário de serraria, ofício que João Koch, João Thewes e José Koch igualmente exerciam.

Por fim, para os eventos sociais de Bom Jardim que deviam ficar registrados visualmente, utilizavam-se os serviços do fotógrafo Luis Witmann.

Escolas nas primeiras décadas do século XX

(Excerto da mesma pesquisa de Ademir Rost)

Em 1920, o sistema de ensino de Bom Jardim era composto pelas escolas comunitárias católica e evangélica, além da aula pública onde lecionava a professora Lydia Krewer.

Na Picada 48, existiam duas escolas: a aula pública isolada, regida pelo professor Henrique J. B. Jaeger, e a escola subvencionada pelo Estado e Município, aos cuidados do professor João Wilibaldo Geib. O mesmo mestre atuava, em turno inverso, na Picada Capivara.

Conforme o livro de registro dos atos oficiais de prefeitura de São Leopoldo, sabe-se que, em 1931, o quadro do magistério estava alterado. Frederico Nienow lecionava em Bom Jardim e Picada 48. João Behne era professor na Picada Capivara, e Henrique Meyer, na Picada 48.

Aprovado em concurso público municipal realizado pela prefeitura de São Leopoldo, o professor Werno Drehmer foi nomeado para lecionar em Bom Jardim em 1939. Para escolas afastadas (sem indicar quais) foram aprovados os mestres Pedro Alfredo Kunrath, Nicolau Fridolino Kunrath e Fridolino Moraes. (Citação: Ademir Rost, XV Bom Jardim depois de 100 anos).

9. Desenvolvimento político de Bom Jardim/Ivoti de 1867 a 1964

(Pesquisa original: Ademir Rost)

9.1 Realizações e lideranças executivas

Simultaneamente à criação da paróquia católica (então denominada “freguesia”) se deu também a criação do distrito de Bom Jardim, pertencente ao município de São Leopoldo. Sua área compreendia as diversas “picadas contíguas, entre as quais Costa da Serra (Estância Velha), Quarenta Oito Colônias, Linha Café, Picada Holanda, Joaneta. Portanto, a partir de 1867, Bom Jardim (hoje Ivoti) passou a ter suas próprias autoridades locais.” (Ver Rost, Ademir. “A evolução política de Bom Jardim/Ivoti”, capítulo do livro “Bom Jardim no palco da história”).

Nos dez anos anteriores de sua elevação a distrito (de 1857 a 1867), Bom Jardim pertencia ao distrito de São Miguel de Dois Irmãos. Seu primeiro subintendente e, simultaneamente, subdelegado foi o Capitão Jacob Tatsch, que se destacou em nosso meio. Residia na Picada 48, no local conhecido como Tatscherberg, onde exercia o seu cargo. Sua liderança foi inquestionável na vida civil e criminal, inclusive na construção da ponte do Imperador. Entretanto, faleceu antes de Bom Jardim tornar-se distrito.

Mesmo que não possa ser confirmado por documentos históricos da época, Herta Patro informa, em seu livro, que o primeiro Subintendente de Bom Jardim foi o Sr. Brietzke. E, considerando que casa do Capitão Jacob Tatsch teria continuado como sede administrativa do novo distrito, é bastante provável que Pedro Cassel, genro de Tatsch, tenha sido indicado para suceder Brietzke, exercendo a Subintendência de Bom Jardim por cerca de 25 anos. Este, por sua vez, foi sucedido pelo seu quarto filho, Capitão Pedro Cassel Filho.

Pode-se deduzir que Pedro Cassel tenha sido um homem abonado. Isso porque, diante da escassez dos recursos públicos, ele forneceu os cinco contos de reis necessários para as obras de reparos nos pilares da Ponte do Imperador, logo após sua abertura ao tráfego, em 1864.

O terceiro subintendente, Capitão Pedro Cassel Fº, nasceu em 23 de agosto de 1855. Gozava de grande prestígio, fartamente demonstrado na visita que o Presidente do Estado, Julio de Castilhos, fez a Bom Jardim em 10 de março de 1897. Todos os eventos alusivos à visita, bem como a recepção às autoridades e personalidades locais foram realizados na casa desse Subintendente. Em sua gestão também se desenvolveu a sangrenta Revolução federalista, embora com pequena repercussão

em Bom Jardim.

O Capitão Pedro Müller F° foi o sucessor de Cassel. Na condição de suplente, cargo que exercera junto com Jacob Schäfer, teve oportunidade de estreitar os laços políticos e obter a indicação. Antes de se tornar subintendente de Bom Jardim, Pedro Müller F° havia sido nomeado Fiscal do 3° Distrito (Bom Jardim). Müller transferiu a subintendência para a sede do distrito.

No ano de 1922, o citado Subintendente de Bom Jardim, integrou a Comissão distrital que preparou os festejos do centenário da independência do Brasil, juntamente com o Cônego Knob, o Pastor Schüller, o professor Alfredo Guilherme Gerhardt, o professor João Wilibaldo Geib, João Kolling F°, Augusto J. Bauermann, Guilherme Holler, Pedro Klein S°, Guilherme Dietrich, Felipe Senger e Luis Wittmann. De acordo com Klein (2001, p. 22-23), "Müller foi subintendente durante 25 anos".

Desde 1° de dezembro de 1930, sob o governo da Revolução do mesmo ano, as denominações "Intendente e Subintendente" foram substituídas, respectivamente, pelas de Prefeito e Subprefeito. Com a aposentadoria do Capitão Pedro Müller F° em 1932, o Sr. Guilherme Holler foi empossado como Subprefeito do terceiro distrito (Bom Jardim), sendo ele o primeiro representante dessa família que, futuramente, teria destacada participação na administração local.

O sucessor de Guilherme Holler foi o Tenente Lauro José Martins. Pelos registros e depoimentos encontrados, supõe-se que exerceu dois mandatos não contínuos de subprefeito. Antes de sua nomeação, ele não fazia parte das lideranças residentes em Bom Jardim. Todavia, era uma pessoa de confiança do regime político de Getúlio Vargas. Conforme depoimento do Sr. Nilo Armando Müller, Lauro Martins buscou cumprir a proibição do uso da língua alemã, aplicando penas severas aos transgressores.

Foi também em meio a essa onda nacionalista que grande quantidade de localidades teve seu nome substituído, e Bom Jardim passou a se chamar Ivoti.

Conforme registro de um evento feito no Livro Tombo nº 1 da paróquia Católica de Ivoti, em 1936 foi mencionado o Capitão Gustavo Adolfo Dreyer como Subprefeito. O Sr. Herbert Fritsch lembra do subprefeito Dreyer em visita ao estabelecimento comercial de sua família na Nova Vila. Isso significa que o Tenente Lauro José Martins ou teve um mandato relativamente breve, ou fora substituído temporariamente. Mais tarde, retornaria ao cargo para continuidade ou para um segundo mandato.

O sucessor de Dreyer foi o Sr. Ernesto Dalcortivo. Ao que se sabe, também esse subprefeito permaneceu por pouco tempo em Bom Jardim. Mesmo assim, sua esposa deixou uma marca negativa em nossa história: conforme depoimento da Sra. Elsa

Dillenburg Hermann, ela era bastante ativa nas ações de repressão à língua alemã.

Já em junho de 1939, a Sra. Heyde Fritsch infere que o Subprefeito novamente teria sido Lauro José Martins, já que consta sua assinatura e cargo em documento militar entregue a seu pai Sr. Reinaldo Becker. Ainda em 1940 ele também é mencionado em livro tomo da paróquia como Subprefeito. No entanto, pouco depois dessa menção, isto é, em junho de 1940, no mesmo livro, é citado o Sr. Ernesto Dienstbach como subprefeito e subdelegado local. Sobre Dienstbach, pessoas aqui residentes dizem que era uma pessoa tranquila, sem arroubos autoritários. E, conforme o filho Carlos Dienstbach, seu pai exerceu o cargo por cerca de cinco anos. Ainda mais: o mesmo livro tomo 1, p.187, traz a seguinte anotação: “No dia 15 de agosto (de 1944) foi transferido o subdelegado local Ernesto Dienstbach para Campo Bom e veio como substituto o subprefeito e subdelegado de Joaneta, Martins.” (LT 1, p. 187).

Não se trata de outro mandato de Lauro José Martins, mas de Glodomiro Martins, que ocupou o cargo em dois períodos. No primeiro, mandato, exerceu o cargo de Subprefeito até 31/08/1946. Nessa data, foi substituído por Pedro Carlos Holler, “filho ilustre da localidade”, que também seria Subprefeito por dois mandatos: o primeiro (mas curto) foi de 31 de agosto de 1946 até 14 de abril de 1947, quando foi substituído por Glodomiro Martins, para um segundo mandato.

Sobre a segunda posse de Glodomiro Martins como Subprefeito de Ivoti, consta o seguinte registro no Livro Tombo 2 da paróquia católica: “Dia 14 de abril (de 1947) foi mudado o sub-prefeito e sub-delegado, Sr. Carlos Holler, e veio em lugar o Sr. Glodomiro Martins.” Apesar de seu nome luso, Glodomiro dominava fluentemente o idioma alemão, o que facilitou seu relacionamento com a população local. Embora tenha enfrentado algumas dificuldades políticas, o prestígio político de Glodomiro Martins o trouxera de volta ao cargo, menos de um ano após sua substituição por Carlos Holler. Mais tarde, na década de 1960, seria eleito prefeito de São Leopoldo.

Carlos Alberto Dillenburg foi o sucessor de Glodomiro Martins, sendo nomeado pelo Prefeito de São Leopoldo, Sr. Mario Sperb. Durante seu mandato, Dillenburg conseguiu o primeiro caminhão caçamba para o distrito, cujo motorista usual era o Sr. Alberto Bauermann.

Pedro Carlos Holler, então com 49 anos, filho do antigo subprefeito Guilherme Holler, em seu segundo mandato, sucedeu a Carlos Dillenburg, exercendo o cargo por cerca de seis anos, presumivelmente entre 1951 e 1956. Além de liderar a empresa de Calçados Holler, foi um cidadão engajado nas atividades sociais, sendo presidente da comunidade evangélica entre 1948 e 1951. Mesmo como subprefeito nomeado pela administração leopoldense, foi um dos líderes do fracassado movimento emancipacionista de 1957, cujas articulações haviam sido iniciadas em 1956.

Supõe-se que, por causa de seu posicionamento a favor da criação do município de Ivoti, acabou perdendo o cargo de subprefeito. Poucos anos depois, posicionou-se a favor da emancipação de Estância Velha, o que gerou um atrito com lideranças de Ivoti, pois estes não queriam se submeter a Estância Velha. Pedro Carlos Holler faleceu em acidente fatal em 15 de novembro de 1958

O subprefeito seguinte foi o comerciante Alberto Bauermann, deixando o cargo depois de um curto mandato. Ainda em 1956, foi substituído pelo leopoldense Mario Gomes. No entanto, em celebração religiosa ocorrida no Sport Club Ivoti, o pároco local registrou (LT 2, p. 98v) a presença de Mário Martins como subprefeito. (Teria havido um engano com o nome?) Foi na gestão de Mario Gomes que ocorreu a emancipação de Estância Velha (8 de setembro de 1959) e a respectiva incorporação de Ivoti como segundo distrito.

Desde a instalação do município de Estância Velha até a emancipação de Ivoti (19 de outubro de 1964), o subprefeito foi o Sr. Carlos Balduino Hoch, que tinha sido eleito vereador em Estância Velha. Entre suas realizações, está a abertura ao tráfego de veículos do trecho íngreme da Avenida Presidente Lucena, conhecido como Travessão. Seu período foi tumultuado pela forte resistência das lideranças locais à anexação de Ivoti a Estância Velha, localidade que, por quase um século, tinha estado sob a jurisdição das autoridades distritais sediadas em Bom Jardim/Ivoti. Muitos consideravam o Sr. Hoch adversário da emancipação o que, porém, não prejudicou sua eleição para a Câmara Municipal de Vereadores, depois de concretizada a emancipação de Ivoti. (As frases em itálico são uma citação literal do Texto de Admir Rost).

9.2 Realizações e lideranças do legislativo

(Pesquisa original: Ademir Rost)

Antes da proclamação da República, cabia às câmaras conferir direito eleitoral aos cidadãos. Ocorriam, então, repetidas exclusões sob a alegação de não terem a renda mínima exigida pelo sistema de voto censitário. Nesse contexto, parecem muito suspeitas as seguintes exclusões de Bom Jardim: Carlos Fritsch, Jorge Jacob Lamb, Jacob Kehl, Henrique Kehl, Felipe Kern, Nicolau Closs, Jacob e Felipe Leuck, Jorge Fritsch e Pedro von Mühlen.

Felipe Herzer de Bom Jardim conseguiu assento na Câmara Municipal de São Leopoldo para o período de 1865 a 1868. Sua eleição, portanto, antecedeu à criação do distrito de Bom Jardim. O respeito por ele fez com que, no ano de 1866, fosse eleito para presidir a Câmara, o que, na prática, o tornou responsável pela direção dos assuntos municipais. Assim, Felipe Herzer foi o primeiro morador de Bom Jardim a ser eleito para uma função de relevância legislativa e executiva.

A liderança de Felipe Herzer ficou evidenciada quando se opôs à tentativa governamental de cobrar pedágio pela passagem da ponte do Imperador. Apoiou os colonos que se opuseram a essa cobrança, pois estes alegavam já terem contribuído financeiramente para a construção da ponte. Ainda mais: o que tinha sobrado da coleta realizada tinha sido entregue a Felipe Herzer para custear reparos na estrada do Buraco do Diabo.

Em 03 de outubro de 1872, o distrito de Bom Jardim elegeu Jacob Knierim como seu representante na Câmara de Vereadores, para o quadriênio 1873 a 1876. Mais tarde, Knierim seria reeleito para o período legislativo de 1883 a 1886, tornando-se uma das figuras de maior destaque na vida política de Bom Jardim durante décadas.

Jacob Dietrich foi outro destaque na política local. Era membro de numerosa família residente em Bom Jardim e Picada 48. Ocupou uma vaga de vereador em São Leopoldo entre 1877 a 1880.

Já nos anos de 1881 e 1882, foi o bom-jardinense Cristiano Lamb que ocupou uma cadeira na Câmara Municipal de São Leopoldo. No entanto, os vereadores dessa legislatura tiveram mandatos de apenas dois anos.

Na relação dos vereadores eleitos para o período 1887/1890, consta o nome de Felipe Renner. Existem vários registros sobre a sua atuação parlamentar e administrativa como vereador e Inspetor do Terceiro Distrito. Atribuiu-se a ele a liberação de recursos para corrigir as precárias condições das estradas, pois, naquele tempo, a execução de tais obras cabia, via de regra, a pessoas de ativo envolvimento político. Coube também a Felipe Renner, por ser o vereador mais idoso, presidir a última sessão da Câmara de São Leopoldo, realizada em 31 de dezembro de 1889. Nessa data, a mesma foi dissolvida em decorrência da proclamação da república e substituída por uma comissão de três membros.

A proclamação da República (em 15/11/1889) rompeu radicalmente com o antigo regime imperial, inaugurando um período muito conturbado e feroz. No Rio Grande do Sul, a radicalização entre as facções provocou a Revolução Federalista. Depois de produzir rios de sangue, acabou consolidando a ditadura do Partido Republicano Riograndense, liderado por Júlio de Castilhos. Uma das consequências desse regime foi o sistema eleitoral viciado e corrupto. Era sustentado pelos correligionários dos governadores de nosso estado, mantendo Partido Republicano no poder entre 1890 e 1930. Cabe aqui lembrar que o republicano Borges de Medeiros comandou o Rio Grande do Sul durante 24 anos. Isso tudo com base na doutrina de que o voto secreto abriga os fracos e induz à traição, devendo cada um assumir publicamente suas convicções por voto aberto.

No início da fase republicana, foram as Juntas Municipais que assumiram as tarefas legislativas. Ostentando o título de Tenente-Coronel, Jacob Knierim (residente no 3º distrito) foi indicado para integrar a Junta Governativa de São Leopoldo. Esta foi empossada no em 09/10/1890 e teve o próprio Knierim na presidência. No entanto, por razões desconhecidas, ele pediu dispensa da função em 31/03/1891.

Em 1º de dezembro de 1891, iniciou-se um período legislativo constituído de um Conselho Municipal de sete membros. Nele, Bom Jardim esteve representado pelo professor José Finger. Foram tempos tumultuados na esfera político-administrativa, pois Juntas e Comissões Municipais assumiam a gestão por períodos irregulares. Além disso, a Câmara deixou de exercer as tarefas administrativas, pois o regime autoritário imposto pelo castilhismo também se estendera aos municípios.

Em 1895, Miguel Bauermann Fº conquistou 1486 votos e foi o representante do distrito de Bom Jardim no Conselho Municipal. Nessa ocasião, foi também eleito o primeiro Intendente de São Leopoldo, encerrando-se, com isso, o período das Juntas Municipais.

Pedro Müller Fº ocupou uma cadeira no Conselho Municipal a partir do pleito de 12 de outubro de 1900, tendo sido o terceiro candidato mais votado, com 1194 sufrágios.

Nesse pleito, emergiu também a liderança do escrivão distrital Adolfo Graff, que alcançou 245 votos, tornando-se suplente. Ele voltou a concorrer em 1908, ocasião em que somou a impressionante quantia de 2807 votos, ficando em terceiro lugar entre os demais concorrentes.

O resultado das eleições de 1904 ilustra muito bem a realidade vigente. O candidato mais votado fez 2815 votos. Depois, apareceram empatados dois candidatos, todos com 2596 votos; quatro candidatos tiveram votações entre 2575 e 2572, seguindo-se outro triplo empate em 2401 votos. Todos os eleitos fizeram mais de 2400 votos, e os demais candidatos tiveram menos de 200 sufrágios... Isso permite concluir que, nesse contexto, raros são os registros de oposição ao quadro local.

Em 05 de janeiro de 1907, Jacob Knierim voltou ao Conselho Municipal por ter sido eleito suplente na eleição de 12 de outubro de 1904. Já na eleição 12 de outubro de 1908, Augusto Bauermann consta como suplente do Conselho Municipal. Ele voltou a concorrer em 1912, ficando suplente novamente. Na mesma eleição, José Boll F^o alcançou 171 votos.

Nas eleições realizadas em 7 de setembro de 1912, Adolfo Graff somou o extraordinário número de 3877 votos e, mesmo assim, figurou apenas como suplente. Todavia, assumiu uma vaga no Conselho Municipal em 12 de outubro daquele ano.

Em 1916, o Conselho Municipal eleito renunciou coletivamente. Foi então convocado novo pleito, que se realizou em 12 de setembro de 1919, tendo os eleitos sido empossados no mesmo dia. Entre os candidatos menos votados encontra-se Adolfo Dietrich, da Picada 48.

Jacob Boll foi um dos membros do Conselho Municipal eleitos em 12 de agosto de 1928. Esses conselheiros tiveram seu mandato encerrado mediante a dissolução determinada pelo Decreto 19.398, de 14 de novembro de 1930. Tratava-se de alterações políticas decorrentes do golpe de estado perpetrado por Getúlio Vargas.

Nos cinco anos seguintes, funcionou um Conselho Municipal nomeado. Apenas em novembro de 1935, houve novas eleições, nas quais concorreu o ivotiense Nicolau Kunrath. Entretanto, não conseguiu atingir votos suficientes, nem sequer para a suplência.

Somente em 1947, depois da ditadura do Estado Novo de Vargas, foram eleitos novos representantes. Como representante do distrito de Ivoti, foi eleito Arthur Fritsch – candidato do Partido de Representação Popular – sendo o vereador mais votado de São Leopoldo, somando 703 votos. Na mesma eleição, Reinaldo Enzweiler, candidato pelo Partido Social Democrático, fez 128 votos como.

Quatro anos mais tarde, em 1951, Julio Hauser foi candidato a vereador pelo Partido Social Democrático, fazendo pouca votação. Na eleição seguinte, em 1955, Humberto Beiersdorf foi eleito vereador pelo Partido Libertador (PL), e Nicolau Fridolino Kunrath elegeu-se suplente pelo Partido Social Democrático (PSD), assumindo diversas vezes. Assim, em algumas sessões, Ivoti tinha dois representantes locais na Câmara leopoldense, encerrando dignamente sua vinculação político-administrativa com São Leopoldo.

Em 08 de novembro de 1959, quando o distrito de Ivoti já integrava o município de Estância Velha, foi representado pelo vereador Carlos Balduino Hoch, que se elegera com 950 votos (também foi subprefeito nesse período).

Além de cargos eletivos, cidadãos de Ivoti exerceram também outras funções na gestão pública por escolha das autoridades constituídas: Alfredo Guilherme Gerhardt foi nomeado primeiro suplente do Subintendente do primeiro distrito. Logo depois, foi nomeado para o cargo de Comandante da Polícia, recebendo a gratificação prevista para esse cargo. E, por sua vez, Henrique Dillenburg foi nomeado maquinista da usina da Cascata da Picada 48.